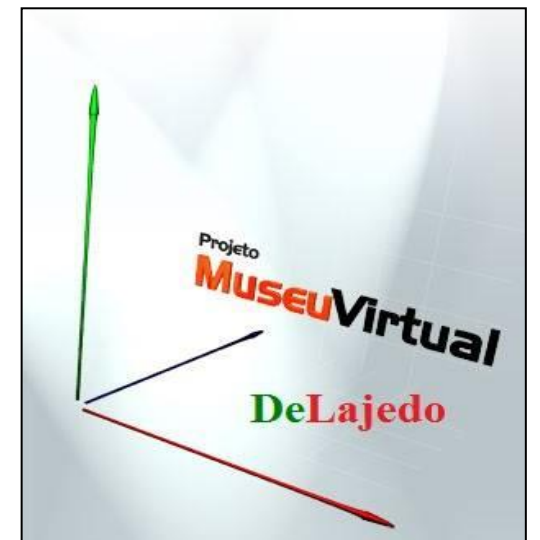


JOSÉ PAULO BARBOSA

Album

Histórico
de Lajedo



Digitalização do Livro Álbum Histórico de Lajedo, uma ação do Museu Virtual de Lajedo.

Museu Virtual de Lajedo



Conheça mais sobre a história de Lajedo - PE

Uma idealização do Escritor Paulo Henrique Dias.

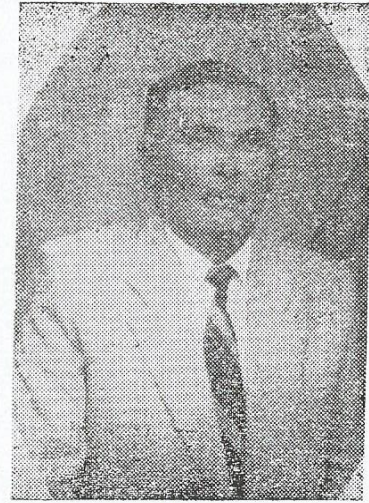


Paulo Henrique Dias
(197) 9524-0520
Rua Waldemar Aguiar

Paulo Henrique Dias

Paulo Henrique Dias

Paulo Henrique Dias



José Paulo Barbosa

Dedicatória

À querida mamãe e aos meus diletos familiares e conterrâneos, minha gratidão e saúde.

ÍNDICE

1.ª PARTE

	PÁG.
LAJEDO	8
Introdução	9
Colonizador e Fundador	10
Informações úteis	11
Autonomia de Lajedo	12
Vultos Memoráveis	13
Primeiro Professor	15
Capitú	18
Lajedo depois de Capitú	21
Apresentação	23
Aspéctos Religiosos	25
Fenômenos	29
Saudade	30
Mulheres Assassinadas	32
Vida Eclesiástica	33
Galeria dos Párocos	39
Igrejas	40
Lajedo e seu progresso	42
Primeiro Prefeito	46
Primeira Prefeitura	47
José Nonato de Oliveira	54
Simpliciano Cardoso	57

Administração do Dr. Dourado.....	59
« de José F. Buigos	60
« de Francisco F. Rosa.....	61
« de Arlindo F. da Silva	62
Câmara e Prefeito.....	63
Clementino F. de Lima	65
Espinhoso Govêrno.....	68
Lajedo e sua Cultura.....	73
Página Diversional.....	75
Lajedo Contemporâneo.....	77

2.ª PARTE

Poder Judiciário.....	80
Comunicações.....	84
Curiosidades.....	86
Transcrições.....	90
Dia da Pátria.....	93
Obras de Utilidade Pública.....	94
Educação.....	96

3.ª PARTE

Auto Biografia.....	100
Officio de Despedida.....	106
Saudades de Pe. Emílio.....	108
Pensamentos.....	110

Coisas que o tempo remove.....	121
Homenagem póstuma a José Nonato.....	125
Praça Cicília Vilaça.....	127
Coincidências.....	128
Écos da Campanha Eleitoral.....	130
Praça Joaquim Nabuco.....	133

4.ª PARTE

Página de Encerramento.....	134
Ligeira Observação.....	135
Nova Fase Educacional.....	139

PREFÁCIO

É inteiramente dispensável, especialmente para os lajedenses, apresentar o autor.

José Paulo Barbosa é figura conhecida e venerada nesta cidade. Nascido e residente há longos anos, dedicou os ócios de sua aposentadoria à pesquisa histórica da vida da sua amada terra.

Testemunha ocular do crescimento da cidade, procurou os mais velhos e vasculhou os arquivos públicos e papéis particulares, em busca da verdade antiga. Anos e anos de trabalho resultaram no levantamento dos acontecimentos marcantes que precisavam ser registrados e transmitidos aos mais jovens e aos pósteros.

A história de Lajedo, de José Paulo Barbosa, não é aquela, apenas Política, de nomes e números. É a história social de uma comunidade, com fatos do dia a dia que marcaram a sua existência. É também o julgamento de fatos e homens, por quem os viveu e acompanhou. O autor anexa trabalhos seus de outra natureza - crônicas, poesias e pensamentos que completam a obra, dando a exata dimensão do seu mundo.

O valor do trabalho de José Paulo Barbosa para a documentação da história de Lajedo isoladamente, e como parte da história de Pernambuco, somente poderá ser avaliada no futuro.

Lajedo, março de 1969

Roberto Emerson Câmara Benjamin

ADVERTÊNCIA

Meus caros leitores, aqui está diante vossos olhos um livro, que verdadeiramente falando não é um livro, e sim, um Álbum Histórico da terra onde nasci, criei-me e nela constituí o seio de minha família.

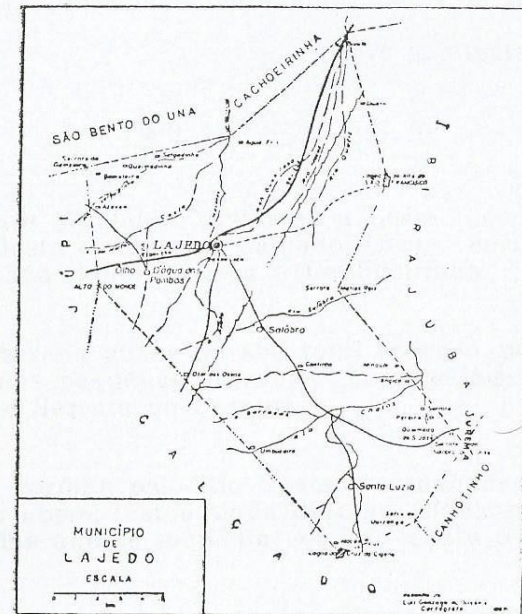
Não espereis uma obra de linguagem fluente e bonita, por que nada de cultura eu tive, mas, mesmo assim assassinando as regras da ortografia, quero apenas documentar a história de minha terra, com os seus fatos, seus filhos e sua gente.

Enormes lutas para colhêr o material necessário, me levaram quase ao cansaço, mas, ainda não é tudo, porque depois de pronto o meu trabalho, tornou-se preciso abrir no final das páginas que irão ser lidas, um "apêndice complementar", para registrar os fatos atuais. Sinto-me feliz, em levar ao conhecimento de quantos manusearem êste Álbum, fazendo crer a sua aceitação, não somente pelos lajedenses, pelos pernambucanos, mas também, pelos filhos dêste Brasil, por que a êle pertencemos.

a) — O Autor.

Mapa da Municipia

de Lajedo



1ª. PARTE

LAJEDO

Dados Geográficos.

Altitude.	662,79 metros
Área calculada.	118 quilômetros quadrados
Zona.	Agreste
Clima	Temperado
População (aproximadamente em Janeiro de 1968)	
	19.679 habitantes.

DIVISÕES

Este Município divide-se a Leste com Ibirajuba e Juremã, Sueste e Sul com Calçado, Oeste com Jupi, e ao Norte com São Bento do Una e Cachoeirinha.

Terreno quase no seu total arenoso, pouco acidentado, notando-se pequenas elevações como sejam: Olhinhos D'água, Prata e Serrote do Pereiro.

É cortado pelo Rio Chata; desconhecendo-se a origem de seu nome; temos ainda diversos riachos todos de águas salgadas que se inclinam: Ao Rio Chata e o Rio Una.

Terreno próprio para a cultura de mandioca, mamona, feijão de corda, e na parte mais argilosa ou seja margeando as caatingas, produz bom milho, feijão de arrancar, algodão etc. Na parte do agreste destaca-se principalmente frutas: pinha, banana, laranja, manga, jaca, verduras etc., sendo bem cultivada produz bom café e fumo.

A pecuária é limitada, a criação bovina é a maior, seguindo-se outras em pequena proporção, dando-se comêço a criação de áves em granjas.

Estradas: encontra-se êste Município bem servido de estradas que o ligam aos municípios circunvizinhos, inclusive pela Garanhuns-Recife (asfaltada) outras, razoáveis rodovias que permitem a circulação, em qualquer tempo, dentro do Município.

Do comércio de Lajedo trataremos a seguir. Limito-me a dizer que o progresso desta região deve-se principalmente ao comércio, dada a atração e facilidade de transportes.

INTRODUÇÃO

Vendo o progresso da nova terra, achei por bem procurar a sua tradição para a história, e, como nos arquivos das repartições a que pertenceu Lajedo, nada foi encontrado que pudesse trazer à luz, recorri aos velhos lajedenses, deixando alguns, por displicência, prestarem esclarecimento de valor. Tornou-se trabalhosa a pesquisa. Recorri a documentos dos quais alguns em minbas mãos, prova robusta das verdades que a seguir vemos.

Para a parte principal do presente "Album" seriam as fotografias dos fundadores, as quais não foram possíveis exibir no seu total, apenas parcialmente; mesmo assim prossegui a luta a fim de que não passasse despercebida a história de Lajedo.

Do conjunto de documentos, penosamente adquiridos, das informações dos velhos moradores e das recordações da minha saudosa infância, que já vai bem longe, retirei o mais fiel relato, que se segue sôbre o meu querido município.

Colonizador e Fundador

Foi desbravador da propriedade Cágado o Sr. Vicente Ferreira; seu filho José Ferreira da Silva fundador da Cidade, construindo a sua primeira casa em 1852. Esta data colhida no livro que fez uma longa reportagem sôbre Canhotinho, por ocasião do Centenário da Independência. Da casa a que me refiro contando mais de um século, ainda existente na Praça Santo Antônio n.º 17; bom seria que fôsse conservada, pois, á ela, juntaram-se as demais formando assim o povoado. Conforme informação do veterano Américo Gomes da Silva, que me disse ter nascido aos 26 de outubro de 1878 declarou que permanecera sempre nesta terra não alcançando mais Vicente Ferreira, o desbravador da propriedade, porém conhecera de perto sua mulher e filhos, bem como negros que foram seus escravos.

Precisando de Mais Provas

- Em demanda as trabalhosas pesquisas a que submeti-me, não foi possível inteirar-me do que ainda estou esperando para esclarecer o passado remoto de nossa terra...

Quando comecei colhêr dados para dar início a história, isto em 1950, falando com o saudoso Padre Emílio Lins, ele me disse que o Padre João Firmino se achava com documentos provando que Lajedo já se chamou Santo Inácio.

Não dei importância, pois não havia encontrado ainda prova a respeito. Dando busca no Cartório do Registro Civil desta Cidade encontrei uma Escritura datada de 4 de julho de 1874 pela qual foi vendido um cercado de terras contíguo a esta povoação, pertencente a Lourenço Bezerra Cavalcanti e Theodora Bezerra Cavalcanti, na estrada que segue da povoação para Capoeiras, e, por aquêles vendido, á D. TEREZA MERANDOLINA DE JESUS na data acima mencionada, pessoa esta mais conhecida por MEREPA. A Escritura menciona várias vezes "povoação de Santo Inácio de Lajeiro."

INFORMAÇÕES ÚTEIS



Américo Gomes

Informou Américo que o seu pai Jacinto Coêlho historiava muito bem esse passado; que Vicente Ferreira veio de Altinho sendo viúvo e tendo filhos do primeiro matrimônio, dos quais Cazuzza (José Ferreira, que depois trataram de "Barão") era o mais velho; prosseguindo o informante que esta propriedade fôra comprada a um tal Coletor, não sabendo se era apelido ou mesmo um credenciado, e, que este terreno denominava se Cágado; explorou-a bem a sua vontade pois era um grande matagal, construiu a sua primeira casa de residência nos Olhinhos D'agua, distando de onde hoje é a cidade dois quilômetros, lá fixou-se, fêz aviamento de fabricar farinha de mandioca. Como fôsse ele propenso a criar cabras, o local lhe oferecia desvantagem devido ter cobras jibóias e gatos maracajás, que lhes davam grandes prejuízos, foi forçado a mudar-se para onde fôsse mais aberto. Dando preferência as lajes, onde construiu nova casa a que denominou, em sua linguagem costumeira, "Lajeiros", a onde provem o nome de Lajedo atual. Continuando, o informante não soube mencionar o ano que Vicente Ferreira contraiu suas segundas núpcias, com Dona Emilliana, também viúva, irmã do Padre Nemésio, pároco em Garanhuns. Este Padre fêz o casamento de Vicente e de seu filho Cazuzza, de uma só vèz. Estes casais constituíram grande próle. Disse que dos filhos de Vicente, somente o Cazuzza se inclinou ao comer-

cio, construiu a casa, desviou a estrada que ligava Jurema a São Bento para passar em sua porta, logo instalou uma vendinha para aproveitar a passagem dos matutos e pegar seus tostões; (cuja casa, n.º 17, ainda existente à Praça Santo Antonio) fazendo bons negócios, atraíndo aos outros construírem casas anexas e assim foi formando o povoado. "Os primeiros moradores foram os seguintes: Manoel Vicente (irmão de Cazuzza), Manoel Cazuzza (filho), Zé Cazuzza, Tenente Deodato e Coronel Umbuzeiro, êstes últimos, família de Dona Emilliana, segunda mulher de Vicente."

--Cazuzza (Barão) sempre à frente, destacava-se como chefe e podendo reunir os outros, convidou-os a fazer uma casinha de oração.

Padre João José do Divino Espírito Santo celebrou a primeira missa e, nesse dia, começou uma feirinha que logo caiu; não sendo conhecida a data deste acontecimento.

O Barão era sub-delegado e depois sucedeu Manoel João Pereira. Êste não foi feliz no seu cargo, pois, teve de fazer uma prisão em Jupí que pertencia a Canhotinho. naquê-le tempo Os capturados eram capangas do Tenente Pedro Lino. Travando-se tremenda luta; houve feridos diversos, de ambos os lados, isto contribuiu para ser exonerado do cargo, Manoel João, passando a sub delegacia para Jupí, ficando Lajedo com a categoria de simples quarteirão, tendo à frente o Inspetor credenciado, Jacinto Coêlho (pai do informante) que apoiado pelo seu chefe, em Jupí, fazia a sua vontade por tempo indeterminado, e que depois foi seu sucessor Antonio Alexandre.

Autonomia de Lajedo

Foi pedido verbalmente, em Canhotinho, informação de quando começou a autonomia de Lajedo como distrito. A resposta foi a seguinte: "No deficiente arquivo desta Prefeitura infelizmente, as administrações passadas, deixaram-no sem a menor parcela de organização, dificilmente, qualquer dado a respeito da vida administrativa do Município pode ser oferecido".

Tomando outra iniciativa, recorri ao Cartório do Registro Civil de Lajedo. Encontrei uma escritura de terras passada em Jupí, de 1900, dizendo pertencer Lajedo ao território daquele Distrito. Já de 1901 encontrei um Auto de Perguntas feitas pelo Sub delegado Laurentino de Barros Correia, ao cidadão Pedro Ramos de Amorim, dando Lajedo, como Distrito. Também encontrei o casamento de Severino Caetano, em 1904, sendo então Lajedo Distrito. O Juiz que fez o casamento, foi Firmino José da Silva Burgos.

Tudo indica que o distrito foi criado no período de 1900 a 1901 como disse-me, sem documento, Manoel Ferreira dos Prazeres.

Vultos Memoráveis



Manoel Ferreira dos Prazeres (Manequinho)

Neto de Vicente Ferreira

Bem lembrado estava de quando começou a feira que ainda hoje permanece; 24 de janeiro de 1900, quando houve missa, e casamento de um seu parente, tentaram levantar a feirinha que havia caído, e havendo interêsse, foi melhorando

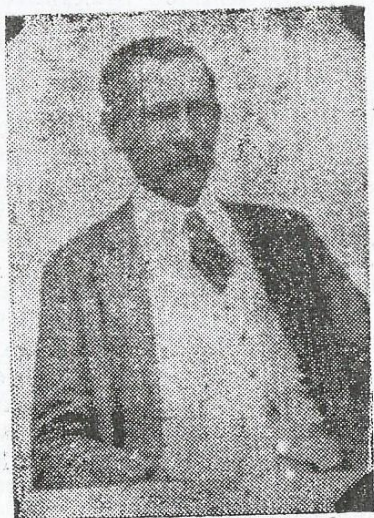
lentamente, tendo à frente Antônio Alexandre o qual tomara duzentos mil réis (200\$000) a juro, a seu amigo e compadre José da Ipoeira, para comprar os restos de mercadorias da citada feira. E assim sustentou até a data presente, em grande proporção, como hoje assistimos.

Podemos dizer que Antônio Alexandre foi um grande cooperador na criação da nossa feira: naquêlo tempo o açougue era uma gameleira frondosa onde os açougueiros se abrigavam. Depois, coisas melhores foram aparecendo.

Lajedo, conforme apanhados, desde o seu comêço, passou por algumas fazes de expectativa, pelo menos foi vítima de três épocas epidêmicas, como seguem: em 1890 a varíola atacou em grande escala, matando e deportando quase toda a população do povoado. Em 1931 foi ainda aflito com a tifoide que pelo menos ceifou diversos habitantes, inclusive o saudoso Antônio Pachêco de Medeiros. De 1943 a 1945 a malária, em grande extensão, castigou severamente nossa terra, matando e inutilizando muita gente. Ainda hoje existem pessoas sofrendo conseqüências do mal. Mas, graças ao Departamento Nacional de Malária, foi extinta, e até a presente data não se registrou mais casos recentes.

José Homem de Lucena, Inspetor Fiscal desta região, compadecendo-se do clamor dos habitantes, denunciou ao Departamento de Saúde a ocorrência, e, imediatamente para aqui foi enviada uma equipe de Guardas da Malária sob às ordens do Dr. Jefferson, que fez drenagens das águas estagnadas debelando o grande mal.





O primeiro professor

Antonio Gerson Guaraná

Exerceu o magistério de 1890 a 1926, quando foi jubilado. Sua primeira Cadeira foi no Povoado de Lajeado onde desposou-se com a senhora Maria Francisca da Rocha Guaraná.

Depois, transferido para Belmonte, Santo Antonio do Tará, Ouricuri, Ipojuca, Barreiros, Caruaru e, finalmente, Recife. Exerceu por trinta e seis anos sua profissão. Deixou vários filhos e netos, dos quais: Dr. Edésio Guaraná, Abiatar Guaraná, Eli Guaraná etc.

Apesar de seus filhos serem mortos, excetuando Eli, ainda vive em nossa Cidade, Abiatar Guaraná Filho, funcionário da Prefeitura, no cargo de Coletor Municipal.



José Pereira de Carvalho

Este, apesar de não ser filho desta terra, foi chefe político logo que iniciou a Vila. Teve sempre prestígio político até o governo Rosa e Silva, durante o qual sucedeu Capitú.

José Pereira de Carvalho, (é justo que se diga) foi progressista nesta terra, teve sempre o seu espírito de grandeza, ajudou em muitas coisas: foi farmacêutico, deixou alguns prédios, naquela data, os melhores; foi grande coordenador da música "20 de junho", gostou sempre de auxiliar às festas populares e exerceu as profissões de fogue-

teiro, marceneiro, ferreiro, alfaiate, relojoeiro. O primeiro automóvel que serviu a esta terra foi de sua propriedade. Êste automóvel foi confiado a Antônio José de Siqueira, que por êste meio se tornou profissional; O carro era um Ford 25.



Antônio José de Siqueira

Hoje Tesoureiro da Prefeitura



Capitú e sua Espôsa apresenta-se na foto acima.

CAPITÚ

Claudino Pereira Tôrres Galindo chegou a esta terra muito moço, vindo de Glicério, município de Canhotinho; não se sabe de fato se ali foi o seu bérço. Aqui fixou residência e, procurando fazer-se do comércio, deu-se muito bem, chegou a possuir alguma coisa, e naquêlo tempo era considerado riqueza. Já era comerciante quando adqueriu uma companheira chamada Amélia, que lhe deu um filho, o qual na Pia Batismal tomou o nome de Deocleciano, mais conhecido pelo apelido de Anum. Capitú foi um dos mais altos comerciantes naquêlo

tempo, além de chefe político, popular e prestigiado. Era amigo do amigo. Não deixava que lhe pisassem os calos, enfrentou perigos, caiu em lutas, feriu e foi ferido, por sinal tinha uma cicatriz no maxilar inferior, produzida por arma de fogo, que o deixou defeituoso para sempre. Gostou sempre de ter consigo gente de inteira confiança, não gostava de ladrão Estes, com ele, moravam no cemitério.

Casou se em Belo Jardim, sua esposa chamava-se Bernardina. Constituiu família, dos filhos destacou-se Olivio (Tetéu), que o auxiliava nos seus negócios com muita dedicação, apesar de ser quase criança,

Governou o Distrito com rara prudência, desfrutando de amizades seguras no Governo, em todo tempo que durou o período "rosista"; depois, perdeu a sua autonomia política, quando se achava no Governo o General Emídio Dantas Barreto, começando daí a desavença que lhe traria a morte. Perdida a campanha com a vitória de Dantas, ele, que pertencia ao grêmio de Rosa e Silva, ficou na "bagagem", como se dizia; mas, sempre afoito, ainda teve algum prestígio, ou seja, uma certa aproximação ao Governo, embora mal visto por Canhotinho, que lhe olhava sempre com maus olhos. Sucedeu que Joaquim de Almeida subiu ao poder, muito rancoroso, levando a propósito procurou perseguir o adversário. Foi nomeado sub-delegado João Sobral a quem Capitú chamava "João Cambado".

Não querendo submeter-se às ordens daquele, cada dia ingressava na má querência.

Numa certa ocasião, estavam uns oleiros fazendo tijolos quando, parece que a mandado, uma vaca de Capitú pisou por cima dos tijolos, fazendo estragos; o dono dos tijolos, indignado, deu uma grande surra na citada vaca, em compensação Capitú, lhe retribuiu com outra, talvez maior. João Sobral, como autoridade, procurou tomar as providências, quando lhe foi prometida também uma surra. Este, vendo que a coisa era ruim, não esperou: "quebrou no bêco" e foi a Canhotinho e lá, preparou o "bôlo" bem preparado. Medidas

drásticas foram tomadas, o Delegado Felix Cantalicio preparou a sua escolta de soldados, rumando a Lajedo, para prender o homem.

Capitú foi avisado, mas não ligou, dizendo ser Tenente Coronel e julgava que lhe poupassem.

Morava a uns duzentos metros de sua casa comercial, sabendo que a Polícia havia chegado, trajou-se e foi ver o que havia.

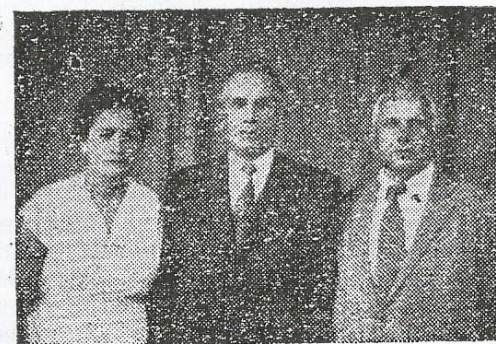
Quando o avistaram foram logo ao seu encontro, já o encontraram na loja, lhe deram voz de prisão, ao que ele respondeu.

- Vocês não podem me prender.

Sem a menor resposta manobraram os policiais, as suas armas, seguindo-se os disparos, sendo o primeiro atingido Anum e depois o inditoso Capitú com 56 anos.

Este acontecimento foi registrado no dia 20 de novembro de 1915.

Tetéu, se achando fora e sabendo do ocorrido, prometeu vingar a morte dos seus entes-queridos, o que justamente fez em fevereiro de 1916, no ano seguinte.



No clichê vemos Tetéu a direita, seu irmão Tururi e esposa, muitos anos depois.

T e t é u

Depois de muitos anos, aparece agora Tetéu, apresenta-se com idade avançada e muito forte, vem de São Paulo onde reside, para visitar o seu irmão e família. É este o herói vingador, que deu a morte a Joaquim de Almeida, Osvaldo de Almeida e Manoel Morel; o último nada tinha com a morte de Capitú, mas como se achava naquela casa onde êle era guarda-livros e conhecia bem Tetéu e ali reinasse uma certa expectativa, quando o avistou falou com estas palavras:

— Tetéu, Almeida!

E, por isso foi o primeiro alvejado com um certo tiro.

Depois dêste acontecimento Tetéu rumou a São Paulo, em busca de João Sobral, pivô da morte de sua família e do bandoleiro "Quatro Quinas" um dos componentes da "fôrça policial" de Feliz Cantalicio. Como não fôsse possível encontrá-los, tempos depois entregou-se à Justiça; livre que foi, querendo fugir da luta foi viver no Sul do País. Lá casou-se, constituiu família, aparecendo depois em visita a seus familiares.

Lajedo depois de Capitú

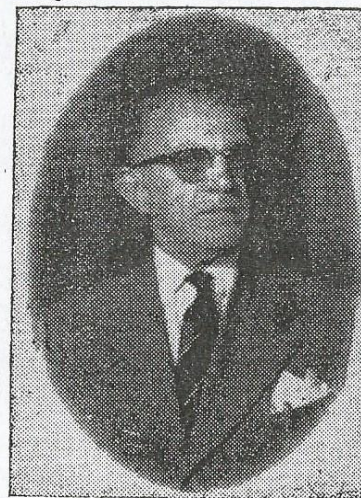
José Pereira de Carvalho, depois do Governo de Dantas Barreto, volta a exercer funções políticas por um período de tempo não determinado.

Em 18 de julho de 1919, havendo eleições, das quais foi vitorioso o candidato Dr. José Bezerra, registrou-se uma cena de sangue: foi morto Severiano Caetano, desafeto de José Pereira. Após a eleição se achava em casa sem nenhuma perturbação, quando surgiu um desentendimento entre José Henrique, de Olho D'água dos Pombos, amigo de José Pereira e sub-delegado daquele Povoado, e Duda Caetano, sub-delegado de Calçado e irmão da vítima; sendo eleitor em Lajedo. Já estando em um certo grau o desentendimento, Duda foi levado pelos seus amigos a casa do seu irmão Severiano, e, depois, tendo esquecido as espóras, voltou à casa de José Pereira, onde as guardara. Aí, então, José Henrique, e seus familiares,

julgando que êle fôra se armar e vinha para a luta, acompanhado pelo seu irmão, que o tirava para não voltar; fizeram fogo sôbre os dois, estabelecendo-se cerrado tiroteio, perdendo a vida Severiano.

Continuando José Pereira à frente do Distrito uns anos, quando houve um movimento político, passando às mãos de José Burgos, terminando por completo o prestígio político de José Pereira, e para sempre.

Ficou José Burgos liderando a vila um período de tempo não se recordando o espaço; e que havendo outro movimento, nova batuta dirige os destinos de Lajedo, como é comum em política.



Agora aparece Severiano Pereira da Costa à frente administrativa do distrito, dando prova de sua capacidade de trabalho, fez rebaixar as calçadas da rua que fica ao lado da Igreja e que eram muito irregulares deixando em um só plano, também ampliou os caldeirões fazendo uma barragem dando mais capacidade ao depósito d'água, isto já muito perto da revolução de 30, quando entregou a Antonio Pachêco, o

primeiro chefe revolucionário que depois de sua morte passa novamente às mãos de José Burgos, até a independência de nossa terra.

APRESENTAÇÃO

Tradicional Família Pacheco de Medeiros



Francisco Pacheco de Medeiros

Falecido em 1919, faz parte dos fundadores do histórico povoado. Desempenhou funções importantes, Capitão da Guarda Nacional, Juiz de Distrito, Agrimensor Prático; foi também comerciante, teve o seu passado em todos os setores dos seus empreendimentos, foi grande proprietário de terras, como fôsse cidadão portador de grande respeito era tido como um conselheiro a quem o povo procurava para tomar conselhos seguindo sua boa orientação.

Dona Inês Pacheco de Medeiros

(Dondinha) nasceu aos 19 de julho de 1862. Filha de Cazuza (fundador da Cidade), foi modelo, como mãe, como amiga, e esposa. Exerceu o cargo de Agente dos Correios, por mais de trinta anos quando foi aposentada.

Deus a chamou aos 5 de novembro de 1951, deixando enlutado, não só sua família, como todos os lajedenses.

Manoel Morel Pacheco de Medeiros

Que no verdor de sua idade foi tragicamente colhido pela morte, quando Tetéu fazia descarregar sua ira sobre os seus inimigos, não poupando a vida, dêste que nada lhe havia feito, só pelo simples fato de ser guarda livros daquela firma e, no momento em que se aproximara o criminoso, êle avisara a seu patrão.

Júlia Pacheco de Medeiros Costa

Nasceu aos 6 de julho de 1864.

Foi educadora de quase toda a população de Lajedo, no seu tempo. Foi alma muito dedicada à Igreja Católica Romana. Grande dramaturga, levava os seus trabalhos com o maior grau de perfeição, como professora, muito aplicada no desempenho de sua espinhosa missão, e sabia catequisar e angariar a simpatia dos seus alunos. Para isto todos que frequentaram a sua escola, saíram ôtimamente bem, pela sua nobre maneira de ensinar. Faleceu aos 12 de julho de 1950. Que Deus a guarde em seu Divino Reino.

Augusto Pacheco de Medeiros Costa

Nasceu aos 13 de agosto de 1886.

Deixou sua terra em plena mocidade e fixou residência na Cidade de Recife, como funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos, lá desposou-se, constituiu família, e gozando de amizade naquele meio, onde já era bem ambientado, pois era portador de boa conduta, quando veio a falecer, em data ignorada.

Antonio Pacheco de Medeiros

Nasceu aos 24 de setembro de 1896, muito querido em sua terra natal, homem sincero de qualidades brilhantes e grande amigo. Foi comerciante, exerceu importantes cargos, também foi ele junto a Manoel Ferreira da Silva (Manecão), quem deu início a construção da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, pagando uma graça alcançada, como adiante trataremos, na página histórica da citada Capela. Ainda continuando o trabalho acima, veio a falecer em 26 de fevereiro de 1931.

Destimido Cooperador

Manoel Ferreira da Silva, neto do desbravador da nossa querida terra, nasceu aos 29 de julho de 1883.

Foi comerciário em Canhotinho, na Casa Mota (Progresso Central) onde fez grande amizade com a família paternal e depois, por interesse próprio deixou e veio se estabelecer em sua terra natal, se abastecendo normalmente na firma onde servira, bem como no Recife. Seu ramo de compras e vendas de peles, algodão e mamona, era exclusividade da Casa Mota. Assim fez o seu patrimônio no comércio, vindo a falecer no dia 13 de janeiro de 1944, vítima de distúrbios cardíacos, deixando orfãos, Nair Gomes, esposa de João Gomes; José Ferreira e Arlindo Ferreira, desempenhando hoje, cargo de destaque.

Aspectos Religiosos

O começo da Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro.

O Professor Antonio Vilaça, ainda seminarista, acompanhou a fase inicial, de como e quando começou a Capela de N. S. do Perpétuo Socorro; para isto achou por bem, abrir um livro onde viesse servir na história da citada Igreja. Está escrito o termo de abertura como se segue:

" J. M. J.

N. S. P. S.

Rogai por nós "

Nêste livro serão lançados todos os dados históricos relativos à Capela de N. S. do Perpétuo Socorro, atualmente em ereção na vila de Lajedo do município de Canhotinho, Estado de Pernambuco onde alguns dados biográficos das pessoas mais salientes que tomaram parte ativa na construção da supra mencionada Capela.

Lajedo, 1.º de janeiro de 1933

— Antonio Vilaça - Secretário

No ano de 1928 viajavam em um caminhão com destino a Recife dois cidadãos conceituados, moradores na chamada vila de Lajedo; corria as mil maravilhas a viagem; divertida e alegre, quando em uma íngreme ladeira, faltou energia no supra mencionado veículo, e êste desceu desastrosamente de costa. Os viajantes Antônio Pacheco de Medeiros e Manoel Ferreira da Silva, mais conhecido por Manecão, como bons católicos que eram, fizeram, no auge do desespero, na expectativa de morte certa, iminente e inevitável, uma promessa sem tino e reflexão, como é próprio destes momentos onde o instinto de conservação atua com desbragada atividade nas faculdades, não permitindo a êstes o pleno domínio dos seus atos.

Passado êste momento crítico os nossos promesseiros acharam conveniente fazer-se uma capelinha em honra da Virgem do Perpétuo Socorro, e como local da mesma designaram uma saliência climatérica, nos arrabaldes de Lajedo. O local escolhido, era o melhor que se podia escolher e mereceu os elogios de todos os habitantes. E como homem de iniciativa Antonio Pacheco resolveu erigir um pequeno monumento, quando o povo de Lajedo pede que levante uma capela com proporções maiores e com pequenos óbulos começou o incansável Pacheco a ereção da Capela, nêste ínterim o seu sócio Manoel Ferreira, como que recusou-se a contribuir com os meios materiais apenas ficou ao lado do laborioso Pacheco e pouquíssima fôrça moral de Manoel Ferreira. Pacheco sempre incansável, vai a Garanhuns e prepara todos os papeis

como sejam plantas, licença do Sr. Bispo e demais acessórios que se fizessem necessários, como terrenos, etc. Trata com o Bispo que era então Dom Manoel Antônio de Paiva, para êle mesmo vir locar a primeira pedra. Foi, então, a maior festa que se realizou em Lajedo. Não poderia ter sido uma cousa melhor. Em um automóvel viajaram: o Sr. Bispo, Pe. Manoel Diegues Neto, Pe. Clóvis Duarte sendo, antagônicas as opiniões dos padres. Nêste tempo pleiteavam a sede da Paróquia que ia ser criada, Calçado ou Lajedo. O Pe. Diegues formava castelos formidáveis e fantásticos em sua imaginação fértil e criadora em cousas descomedidas mais próprias de um architecto ou um filósofo. Padre Clóvis ao contrário de inteligência aguda, olhava a verdade por outro prisma e pela única facêta luminosa e logo descobriu porque devia ser a paróquia em Lajedo e não em Calçado. Mas, afinal, perdemos por falta de autonomia do nosso Bispo, acha-se esta circunstância aqui inserta devido a ser um propósito de descrever tôdas as circunstâncias relativas à igreja. Se já até aqui tratei mal de algumas pessoas peço me perdoarem por que além de eu ser muito positivo, aqui sou historiador e como todos sabem o historiador deve escrever com imparcialidade, isto é lógico. O Sr. Bispo ficou muito entusiasmado prometeu que no tempo que se fizesse necessário êle queria dar a imagem. Pacheco continua então as suas obras com pequenas esmolas que o povo lhe dava e quando a torre já em considerável altura se achava, no ano de 1931, a morte ceifa a vida mais preciosa que havia dentro de Lajedo, a de Antônio Pacheco de Medeiros o homem mais querido que habitava Lajedo, vítima de uma febre que por mais de um ano grassou, ceifando vidas dos humildes lajedenses. Morto Antonio Pacheco, o seu espirito laborioso ficou inerte incentivando os de todos que o conheciam. Monsenhor Matha, então vigário Geral de Nazaré, por ordem do Sr. Bispo, traz a veneranda imagem de N.S. do Perpétuo Socorro que é trasladada da Capela, profissionalmente, com espantoso acompanhamento, para a referida Capela, em Lajedo. Em um monumental pé de mulungú à uns duzentos metros da vila foi benta a imagem e fêz-se um nicho onde a imagem foi providoriamente colocada até que os recursos materias dos habitantes permitissem a continuação dos serviços. O serviço foi interrompido. Passada a horripilante febre, uma fome mais terrivelmente devoradora assolou os habitantes. O verão continuava sem chuvas. Alguns membros da familia de Lajedo fizeram uma promessa: se houvesse

saltra continuariam as obras da capela. Oito dias não foram passados. A chuva caiu incessante por espaço de trinta dias. Estavam salvos. A lavoura em progresso e as chuvas espessadas com sol era tempo de cumprirem a sua promessa. Organizou-se uma diretoria assim composta: Diretor: Guilhermino Paulo, Vice-Diretor Severino Pereira, Presidente: Manoel Ferreira, Vice-Presidente: José Alexandre, Secretária: Carmelita Silva, que em breve espaço por suscetibilidade de mulher, pediu sua exoneração sendo substituída pelo seminarista Antonio Vilaça e êste dois meses após, por Pe. Augusto, Tesoureiro José Resende, feminilmente demissionado e substituído por José Pereira. Esta Diretoria não mediu esforços em continuar os serviços da Capela."

As notas acima, relativas à Capela de N. S. do Perpétuo Socorro, foram escritas, como já fiz ver, pelo Professor Vilaça, que fêz parte da diretoria dos trabalhos; seguindo-se as minhas anotações dos trabalhos posteriores.

Parece ter desaparecido todo o interesse da parte daqueles que antes estavam firmemente empenhados na construção da Capela. somente o Sr. Guilhermino Virgulino de Sobral, jamais deixou naufragar a sua boa intenção, conitantemente prosseguiu com tôda a coragem de que era possuidor e foi levando os trabalhos, com muito esforço, pedindo donativos, acumulando e empregando na construção, até que chegou a conclusão dos trabalhos da Capelinha; fez o altar, e a imagem da Santa já se acha bem guardada. Não cansado com sua pesada tarefa prosseguiu sempre trabalhando com afinco, fêz aumentar o teto, limpeza foi feita e tudo estava melhor. Sucedeu que apareceram rachões nas paredes e foi preciso passar-lhe uma amarra em todo o conteúdo da citada capela em cimento armado; desta vez foi feita a tórre, já se tornando com aspecto bem agradável. Tinha dentro uns pilares que muito afeiavam o prédio. Resolveu a retirar tudo pondo tesouras e cobrindo com telhas inglesas como nesta data podemos testemunhar. (em 1956).

Fenômenos

É digno de nota o que aconteceu no dia 17 de janeiro de 1944 pelas 16 horas, quando apareceu uma nuvem pesada à leste, desfazendo-se em uma chuva que não era tão forte, a uma distância de um meio quilômetro, talvez; apenas uma pingueira chegou para nós; quando de súbito um clarão com imediato estampido, fazendo atemorizar a população, logo após surgiram gritos e um grande pânico, uns choravam, outros gritavam e outros que procuravam saber do acontecido.

O Sr. Guilhermino Virgulino de Sobral, o Zelador da Capela, impulsionado pelo medo ou para ver o que havia, entrou na igreja e uma toalha do altar estava ardendo, estava, também, uma vela acesa ao lado, foi quando se verificou que havia fechado o circuito com o cruzeiro que era iluminado por eletricidade; estavam os fios todos partidos em pequenos fragmentos na calçada. Tudo indica que a distribuição de energia em todas as redes da Cidade, sofreu os efeitos da catástrofe; desta vez morreu José Amaro da Silva que em sua casa comercial despachava um freguêz, debaixo de uma lâmpada; Antonio Caetano, que também se achava próximo a uma lâmpada, caiu por terra sem sentidos. O mesmo acontecendo com a sua irmã Joana Caetano que nas mesmas condições se achava aproximada de outra, estas se encontravam em uma mercearia de Manoel Cândido da Silva, na rua onde hoje é Presidente Vargas; também, foi vítima Estela "Sertaneja" na rua D. Pedro II, que no momento se achava costurando em uma máquina, também não escapou ao impacto do fenômeno.

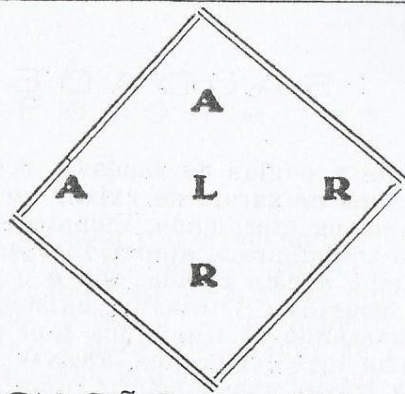
Atribui-se isto, ter sido falta de para-raios pelo que a deficiente empresa elétrica era desprotegida, resultando assim enlutar uma família lajedense, podendo-se felicitar a Cidade por não ter sido de maior amplitude o desastre.

SAUDADE

Eis aqui a página de saudade, recordação daqueles que já muitos anos deixaram de existir no mundo dos vivos, e hoje descansam na eternidade. Vicente Ferreira, Barão Cazuzu, que tanto trabalharam; aperriados, suados e mutilados, abrindo o caminho à esta cidade, que é o orgulho e o adorno de seus netos, bisnetos e tetranetos, existentes aqui em grande quantidade, saboreando os frutos dos seus antepassados. Aqui resta apenas uma leve lembrança, através das páginas de um livro que possa trazer uma memória, uma viva saudade aos parentes mais aproximados daqueles velhos desbravadores e conservadores da velha fazenda que lhe chamaram Lajeiros. Com esta lembrança e saudade é muito justo que, alguns destes que ainda vivem com grãos de parentesco e que tenham satisfação de oferecer ao menos um Padre Nosso e Ave Maria para que Deus os tenha descansando no seu reino.



Banda Musical 20 de junho pertencente a Associação Literária e Recreativa 20 de junho, cujo emblema se vê a seguir.



ASSOCIAÇÃO 20 DE JUNHO

Em 20 de junho de 1935 foi fundada em Lajedo, uma sociedade que tomou o nome de 20 de junho, coincidiu ser dia de Corpo de Deus. Esta Sociedade começou como literária para fins educativos, como foi idealizada, e por isto era o seu título Associação Literária e Recreativa "20 de junho" adotando assim as iniciais A L R cuja legenda estava na bandeira azul com quadrângulo branco, como se viu, e terminou em escola musical, da qual os municípios vizinhos poderão testemunhar este acontecimento, pois Lajedo, teve de fato uma banda de música, enquanto teve a frente José Pereira de Carvalho e, passando a outra direção, não foi feliz, sendo extinta, em 1942.

Foram sócios fundadores:

José Pereira de Carvalho - Presidente
 Antonio Pereira da Costa - Vice
 José de Sales Brasil - 1º. Secretário
 Manoel Joaquim do Nascimento - 2. Secret.
 Adalberto Alexandre da Silva - Diretor
 João Gomes da Silva - Vice
 Manoel P. Sobrinho - Tesoureiro
 José Paulo Barbosa - Orador
 José Firmino Burgos - Vice
 Manoel Ferreira dos Prazeres - Cobrador
 Cícero T. P. Costa - Fiscal

Mulheres Assassinadas

Em 26 de março de 1940, por volta das 10 horas, mais ou menos, Luiz Carlos de Almeida abateu Maria Eulália, uma moça muito querida do nosso meio. Por sinal, da família tradicional de Lajedo. Por motivo ignorado, que até aqui não foi conhecida a procedência. O assassino tentado por uma fúria terrível, entrou em casa da vítima, onde sempre teve intimidade, e sem dizer-lhe algo de suas pretensões, cravou-lhe uma enorme peixeira trazendo-lhe a morte imediata, ela tombou e morreu rindo, da maneira como recebia as pessoas suas conhecidas, e como nada soubesse, para ela estava recebendo uma visita de um moço, como de fato era, e não pensava nunca estar recebendo uma fatalidade. O criminoso foi prêsso em flagrante, recolhido à Detenção, onde depois de muitos anos terminou também os seus dias, em estado de loucura.

A outra vítima foi a proprietária de um hotel, mulher de idade já avançada, Dona Inez Gonçalves, que por motivos fúteis, também foi barbaramente assassinada pelo indivíduo José Pereira, que requereu Habeas Corpus, não mais aparecendo nesta terra para ser julgado.

Procedente da família fundadora de Lajedo entre 1902 a 1904, não estamos certo por falta de documento, mas sabemos que um senhor de nome Afonso, parente muito perto de D. Emiliana que foi esposa do Sr. Vicente Ferreira, praticou uma cena bárbara; assassinou a esposa dele próprio, estando grávida como também uma criança talvez de um ano, como fui informado.

Moravam em um rancho de Palhas, tudo indica um grande grau de pobreza, podemos supor que o desespero tenha levado-o a atear fogo à palhoça e ficar com uma foie em mãos para evitar a fuga da pobre mulher que depois de levar uma foçada terminou sua vida ardendo nas chamas. A vítima ainda com vida e raciocínio confirmou todo passado.

Prêsso Afonso, foi condenado a pena máxima e tirou a senten-

ça não deixando transparecer que fôsse louco; mostrando assim a perversidade de que era portador.

VIDA ECLESIASTICA

Lajedo dispõe de três igrejas sendo uma a Matriz de Santo Antonio e duas capelas. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e São Sebastião, tôdas do Rito Romano, cujas fotografias vão a seguir.

PROTESTANTES

Existem três Igrejas representadas neste Município: Presbiteriana, Assembléia de Deus e Brasil para Cristo, com pequeno número de seguidores.

A quase totalidade dos habitantes dêste Município segue o Rito Católico e Apostólico, como em todo o Brasil.

Não existem religiões ou seitas africanas ou de outra procedência sendo todos cristãos

CRIAÇÃO DA PARÓQUIA

— 16 de fevereiro de 1941 —

Encontra-se no "Livro Tombo" o termo de abertura assinado pelo Exmo. e Revdmo. Sr Bispo D. Mário de Miranda Vilas Bôas, constando o seguinte:

"Decreto da Criação da Paróquia de Santo Antônio de Lisbôa e Pádua.

Dom Mário de Miranda Vilas Bôas, por Mercê de Deus e da S. Sé Apostólica Bispo de Garanhuns, etc".

Assim, quatro páginas do livro historiam as divisões da nova Paróquia, ali se encontrando inscritos todos os itens de interesse a freguesia, como sejam: número de Capelas e habitantes, etc. Encerrando-se com as assinaturas:

† Mário Bispo Diocesano
Pe. Artur Silvestre
† João Bispo de Cajazeiras
Pe. Tarcísio Falcão
Pe. Emílio Lins
Pe. Antônio Calou de Alencar
Pe. Antônio de Barros
Pe. Avelar Brandão Vilela
Pe. Otávio Aguiar
Dom Jerônimo de Sá Cavalcante - O. S. B.
Dr. Antônio Dourado Cavalcanti
José Firmino Burgos
Guilhermino Virgulino de Sobral.

Sabemos que o primeiro Pároco de Lajedo foi o Pe. Artur Silvestre de 16 de fevereiro de 1941 a julho de 1944, sucedendo-lhe Pe. Tarcísio Falcão, de 1944 a junho de 1945, quando no dia 17 dêste entregou a Paróquia ao Pe. Emílio Lins que aqui permaneceu até 31 de janeiro de 1960, quando não mais pôde levar à frente os seus trabalhos devido seu estado de saúde muito abalado. Dom José Adelino Dantas achou por bem substituí-lo pelo Pe. Antônio Barbosa, então vigário da vizinha Cidade de Jurema. Este, até o presente escrito, permanece zelando seu paróquiato em nossa terra.

Entre os demais Párcos que nos têm assistido, o mais dinâmico trabalhador é, sem nenhuma dúvida, o Pe. Barbosa. A seguir seus trabalhos de progresso: em 08 01-60 foi nomeado pela Prefeitura Diretor do Ensino Primário como também exerceu idêntico cargo de Diretor no Ginásio "Dom Expedito Lopes"; encontrou a Matriz já quase pronta, faltando alguma coisa que êle fêz, como seja: o estuque em todo teto,

a Capela-Mor e a Sacristia; na Casa Paroquial fez o primeiro andar, também anexo a Sacristia fez outro igual; ainda toda bancada da Igreja foi executada sob sua direção. Comprou um terreno e construiu o Centro Social da Paróquia, botando toda bancada ao seu péso, gastando assim grande soma - este servindo de grande utilidade a nossa comunidade. Coincidiu sua inauguração no Jubileu de Prata da criação da Paróquia com grandes festividades, discriminadas aqui:

Dia 14 de fevereiro de 1966 - Transladação dos restos mortais do saudoso Pe. Emílio Lins, acompanhados pelo Sr. Bispo Diocesano, celebrante das exequias; Pe. Antônio Barbosa, Vigário da Paróquia; mais Sacerdotes, amigos e admiradores do extinto Vigário.

Dia 15 - D. Acácio Alves, Bispo de Palmares celebrou a Santa Missa na Praça Santo Antonio e pregou aos fiéis a Palavra de Deus.

Dia 16 - Concelebração da Santa Missa Jubilar por Dom José Adelino, Dom Acácio Alves e vinte e tantos Padres.

Houve grandes desfiles das escolas estaduais e municipais, Grupos Escolares, Ginásios, etc. As bandas marciais ecoaram; completando a beleza da festa, tudo na maior ordem graças a organização do Pe. Barbosa e os dirigentes das escolas. Foi verdadeiro dia festivo.

No Centro Social da Paróquia realizou-se sua inauguração com um banquete de 100 talheres, oferecido pela Prefeitura local aos Srs. Bispos e Sacerdotes, ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Paulo Guerra, pessoas e convidadas especiais. O brinde foi feito pelo Deputado Dr. Antônio Dourado Cavalcanti. Falaram Dr. Armando Monteiro Filho, industrial, Dom José Adelino Dantas quando fez conferir o título de Cônego honorário ao Pe. Antonio Barbosa. À noite em seu palco foi encenada a peça teatral "A Figueira Maldita" pelo conjunto de amadores teatrais local. Desfilaram 48 carros tendo a frente uma barca alegórica e um carro-símbolo: a Igreja

Matriz. Houve uma magnífica exposição e circulou um jornal especial - "O Jubileu". A organização do embelezamento desse dia inesquecível agradecemos ao nosso incansável Cônego Antonio Barbosa que tudo tem feito e continua fazendo pela grandeza de sua Igreja e pela Cidade de Lajedo.

O incansável Cônego Antonio Barbosa, como já falei, além de todos os seus trabalhos conseguiu um carrilhão de sinos eletrônicos, encomendados em S. Paulo, custando a garbosa importância de cinco milhões de cruzeiros antigos. Faz gosto ouvir-se o ecoante som levando ao longe a sua voz; conclamando, convidando, e, anunciando os atos sagrados. Em doze de novembro de 1967, com missa campal, foi inaugurado o soberbo terno de sinos na torre de Matriz de S. Antonio. Neste dia houve vaquejada e grande desfile de vaqueiros, que cavalgavam os seus vivos e elegantes cavalos, fazendo uma manobra tática, que é mesmo da disciplina dos foliões. Passando, um por um, em frente ao altar, onde foi celebrada a Santa Missa, ali depositavam os seus donativos, foi grande a expectativa de alegria, a Cidade estava radiante em festa. Enquanto isto o Sr. Washington Medeiros estava tomado de saudade e se despedia do seu velho sino como se fôsse o patrono da Cidade. Como também a nós, deixou saudades, porque naquela hora calou o seu brado, não se ouvindo mais o seu convite, para missa, para festas, procissões etc. Aqui segue a crônica de Washington Medeiros colhida do jornal do Jubileu Paroquial:

“ Velho sino de minha terra eu te saúdo!

Antes que te façam descer do campanário aonde há quase um século permaneces, envio-te esta mensagem que nada mais é que a minha palavra de gratidão e saudade, com todos os esforços dos meus sentidos.

Não sei bem quando ai chegastes. Faz tanto tempo... pois, desde criancinha já ouvia a tua voz como ouço agora, forte e vibrante, no sublime comando chamando os fiéis que ainda acodem ao teu mágico toque de reunir Eu, velho sino, que por tantos anos ouço a tua voz, estou profundamente

saudoso. Lembro os teus repiques nas "aleluias" festivas, o teu planger dolente nos dias de finados. Recordo-me das tuas chamadas às grandes missões de Frei Vital, Padre Francisco, Frei Damião, Frei Pio, e nas visitas pastorais de D. Manoel, D. Mário, D. Juvêncio, D. Expedito e D. Adelino, para depois dobrares pela morte de três desses bispos - atenção tu velho sino, que badalastes pelos meus antepassados e agora vão despojar-te da glória do comando. Tu, velho sino, da tradicional procissão de S. Antonio da humilde capelinha de Lajedo povoado, dos repiques fininhos de Alfredo Cordeiro, do tanger magoado de Paulo Siqueira. Tú, velho sino ainda que tocastes no desaparecimento de vidas como as de Simpliciano Cardoso, José Pereira de Carvalho, Capitú, Julia Costa, Manecão e Zezinho Ferreira, Rozenda, Petú Sales, Dona Dodinha, Contente, Dona Cecília Vilaça, Manoel Amaral, Padre Emilio... Ah!... nem posso dizê-los todos, tu, velho sino, que entre milhares, tocastes ainda pelo desaparecimento do velho Mangão, Celestino, teus amigos íntimos, pois foram encarregados de ti por muitos anos. Tu, velho sino testemunha do meu primeiro discurso com Arlindo Ferreira, bem defronte da tua igreja. Como estás ligado ao nosso passado! - Quantos milhões de "Ave Marias" se elevaram aos céus ao anunciares a hora mística do "Ángelus"! Mas, velho sino, nem sei que vão fazer de ti, qual será o teu destino? Aonde irás comandar novamente? Será que a tua missão esta cumprida e te vão dar o respeito e devido repouso? Teria isto sido desprezo, egoísmo, ou ceder à Civilização? - Seja como for tú velho sino, jamais serás esquecido. Pois esquecer-te seria esquecer minha própria vida, vida que presenciaste do nascer ao envelhecer. E certamente o meu povo também não te há de esquecer. Como a mim, a ele estás ligado de maneira incontestável.

No íntimo de minh'alma choro tua saída e te agradeço pelo bem que fizeste, pelas almas que fizeste salvar. Não creio que emudeçam tua voz, porque ela permanecerá eternamente, viva e sonante, no coração do meu povo que te respeita e ama. - Os teus sucessores são bonitos e imponentes, é verdade. Mas tú, velho sino, és dono de uma tradição, de um passado de glórias e amarguras, de vitórias e derrotas, de risos e lágrimas.

Perdôa velho sino, a atitude que tomaram. Não houve

nenhuma maldade contra ti. Desce e descança na Paz. Nesta Paz que foi sempre o teu objetivo. Deus saberá te ser grato, pois a Ele serviste como bom servo. As almas dos nossos saudosos e queridos parentes, amigos e anjinhos, lá do Céu, também te agradecem pelo enorme serviço que prestaste a um povo, muitas vezes cruel e oscilante na sua Fé, mas, que teu planger por muitas vezes aliviou sua alma conturbada e aflita.

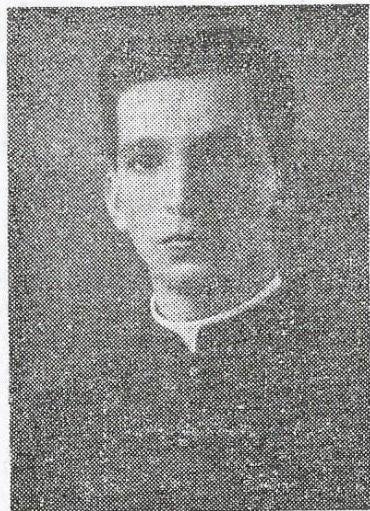
Obrigado, velho sino de minha terra natal. Se eu morrer antes da tua descida, terei a honra do teu toque. Do contrário, com lágrimas arrancadas ao próprio coração, irei ver tua saída do modesto Campanário de Santo Antonio, aonde ainda estás comandando os fiéis de minha terra - meu inescucível Lajedo".

— E assim, caros leitores, aquele velho sino que tanto impressionou o cronista, deixa o velho reinado, e hoje se encontra na Capela de N. S. do Socorro, falando menos, por vezes ouve-se a sua voz, como se não estivesse bem satisfeito com a sua aposentadoria, ou outra, sua inatividade, por qualquer motivo. Estas coisas se sucedem em nosso planeta; até os sinos passam por alguma metamorfose, por muitas vezes podem ser derretidos, para aparecerem mais potentes, mais fortes, mais grandiosos, são coisas comuns e...

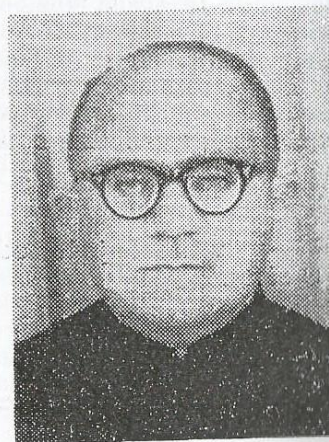
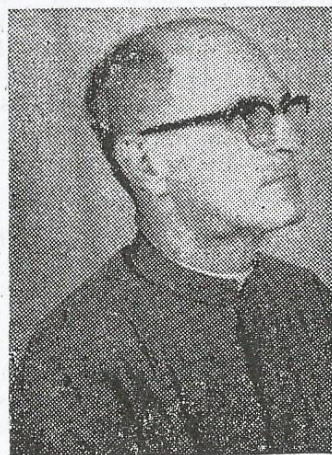
Avante Lajedo, com bons administradores eclesiásticos e civis.



GALERIA DOS PÁROCOS



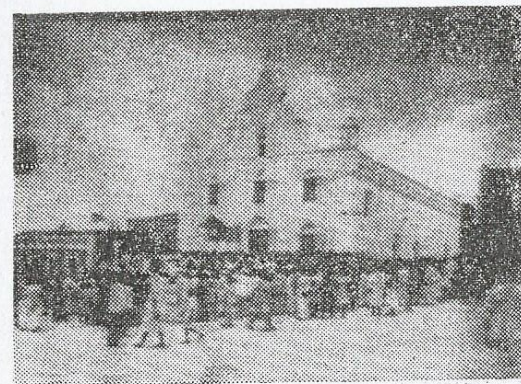
Padre Artur Silvestre (1º. Pároco) Padre Emilio Lins (2º. Pároco)



Cônego A. Barbosa (3º. Pároco)

Padre Luiz Lima (Auxiliar)

IGREJAS

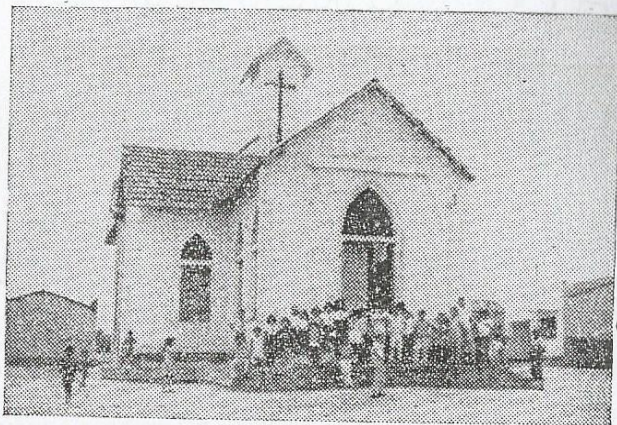


Antiga Igreja Matriz

Por muitos anos guardou os fiés desta Terra.

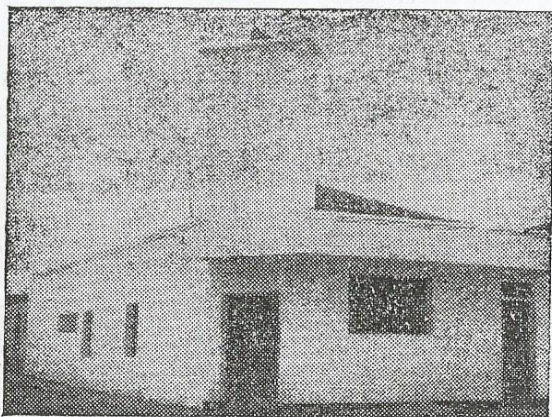


Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Originária de uma Graça Alcançada, como já foi escrito em páginas anteriores.



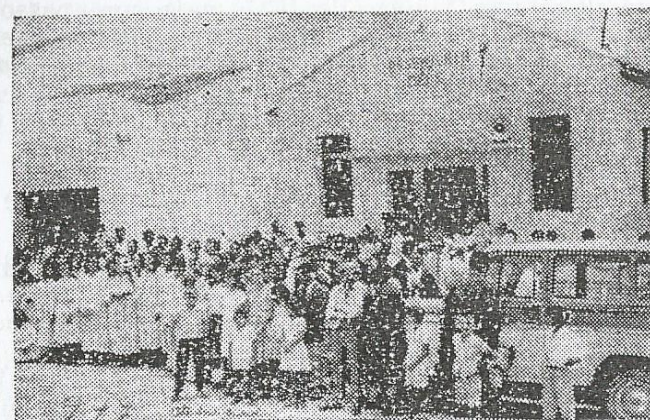
Capela de S. Sebastião

Construída com vida do Padre Emilio sendo Prefeito Dr. Antonio D. Dourado.



Igreja PRESBITERIANA

Ignoramos a data de sua fundação



Templo Assembléia de Deus Inaugurado em 1967

Lajedo e Seu Progresso (de 1934 a 1948)

Lajedo sempre pertenceu a Canhotinho, apesar do seu desenvolvimento, jamais sonhou com a sua independência. Um grande acontecimento para esta terra foi em 1934, quando a estrada de rodagem Garanhuns-Recife, atingiu a Vila, ramificando-se comunicações entre São Bento do Una, Pesqueira, Jurema, Canhotinho, etc. Tornando-se assim centro rodoviário.

Esta rodovia tinha primeiro, seu itinerário diferente: Garanhuns, Jucati, São Bento do Una etc., Napoleão Teixeira Lima com seu espírito de camaradagem conseguiu que o engenheiro fizesse passar a referida rodagem por Jupí, Lajedo, Cachoeirinha etc. O que muito devemos agradecer, pois muito nos beneficiou aquele homem de progresso. Severiano Pereira Costa foi igualmente junto a êle cooperador nêste sentido por Lajedo.

Em 17 de janeiro de 1937, mais um passo para o progresso da Vila, que não deixava de sentir o seu futuro, quando inesperadamente: chegou um moço, médico de nomeada, Dr. Antonio Dourado Cavalcanti, iniciando sua profissão em nossa terra. Este além de nos beneficiar com a sua clínica, quiz tomar a grande cruzada de trabalhar pela grandeza da humilde Vila.

Em 1938, Julio Felipe de Andrade, fez com que Lajedo recebesse uma empresa de luz Elétrica, fornecida pela força de um motor de automóvel "BUÍQUE" dando boa impressão, satisfazendo nossa gente. O empresário não querendo morar na Vila, preferiu, vender a empresa a um da terra. Luiz Joaquim de Sobral foi o comprador e achando que havia possibilidade de fazer bom negócio, ampliou mais o potencial de força colocando um motor de 16 HP, ficando Lajedo bem iluminado. O motor funcionava a Gás Pobre e foi se tornando incapaz de saciar as necessidades e assim foi vendida a Cooperativa Agro-Pecuária local, que logo instalou grandes motores para não mais faltar iluminação. Desta maneira Lajedo seguiu melhorando seus dias.

Em 1941, 16 de fevereiro, por Ato de S. Excia. Reverendíssima D. Mario de Miranda Vilas Boas foi instalada a Paróquia de Santo Antonio. Com esta dádiva de Deus, animou-se cada vez mais a próspera Vila, atraindo gente de toda parte para aqui morar e fazer bons negócios, tornando-se assim um lugar invejável. Tudo já corria muito bem quando surgiu a queda da Ditadura, vindo ampliar mais a vida social, comercial e política, fazendo aumentar mais um grau de quentura nos lajedenses, que depois de tantos obstáculos aguardavam sempre dias melhores, como de fato não estava longe.

Empenhavam-se as forças políticas do Estado na famosa "Batalha Judiciária" que após a redemocratização do País em 1945, vinha se travando no Tribunal Regional Eleitoral entre o P. S. D. e a U. D. N. representados pelo snrs. Barbosa Lima Sobrinho e Neto Campelo Junior respectivamente.

Lajêdo, próspero Distrito de Canhotinho havia no referido pleito, concorrido maciçamente para levar a Assembléia Legislativa do Estado como seu autêntico representante Dr. Armando de Queiroz Monteiro.

Após quase um ano de luta, Dr. Barbosa Lima Sobrinho, foi proclamado e empossado no cargo de Governador, tendo o seu mandato, pelo marasmo das soluções dos casos pendentes no Tribunal, sido reduzido a três anos apenas.

O dep Armando Monteiro, recebeu a sua cadeira no Legislativo Estadual com um quociente considerável de votos dados pelo povo de Lajedo; e graças aos sólidos laços de velha amizade que o prendiam ao novo Governador, tornou-se prestigioso líder da política regional no plano Estadual. E graças a esta força nos projetamos no conceito político do Município, a ponto de impormos o nome de José Firmino Burgos, um dos correligionários do P. S. D. de Lajedo, para Prefeito a ser nomeado, para dirigir os destinos do velho Canhotinho. O governo atendeu a nossa reivindicação e desta data em diante, em perfeito entendimento com a facção "Pessedista" daquela Cidade sob a orientação do inesquecível Baluarte Padre Antonio Calou, iniciamos uma nova e auspiciosa paz deixando-nos numa situação política ótima, apesar de mero Distrito da comuna.

Ao aproximar-se o pleito Municipal com o país já no regime constitucional, fazendo mais uma vez valer, a nossa força, apresentamos o nome do jovem médico Antonio Dourado Cavalcanti já aqui radicado, para candidato pela legenda do Partido Social Democrático, ao mais alto posto do Executivo Municipal.

A luta foi árdua e difícil, a grande extensão territorial e as péssimas condições em que se encontravam as estradas municipais, tornavam quase impraticável a presença do candidato, aos vários recantos do Município. Mas mesmo assim, o povo levado pelo sentimento de renovação e de progresso, deu ao nosso Candidato um saldo de 194 votos a mais no com-

puto geral, porém no último dia em que eram apuradas as duas últimas urnas de Lajedo, sentindo o espectro da derrota, o Advogado Esdras Gueiros, Delegado da U. D. N. e genro do candidato opositor sr. Manoel Vidal, aproveitando o despreparo e a pusilanimidade do Juiz Aprígio Gomes, impugnou-as, alegando suspeitas e irregularidades nas fôlhas de votação em uma delas e incoincidência de uma sobrecarta na outra.

O referido Juiz levemente aceitou as impugnações julgando-se incompetente para decidir, encaminhou ao Tribunal Regional Eleitoral a solução do factício problema, tendo antes disso parabenizado pessoalmente o candidato vencedor abraçando-o, às vistas de todos os presentes, no Forum daquela Cidade. Após noventa dias de espera e expectativas nossas, a alta côrte Eleitoral do Estado anulou as duas urnas dando como causa justa, terem sido encontradas em ambas, sobrecartas destruídas no Município de Angelim.

Estava confirmada a farsa, vindo à luz as nossas suspeitas de que haviam sido violadas as urnas sob à guarda da Justiça Eleitoral de Canhotinho.

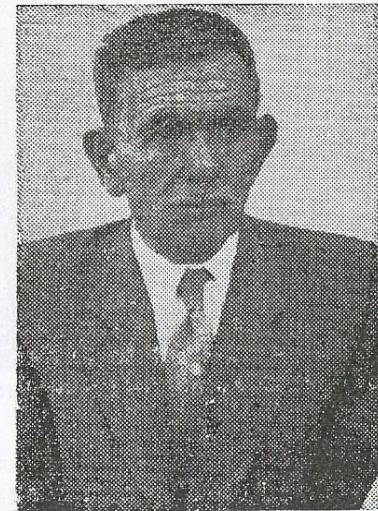
Diante desses fatos que tiveram a maior repercussão, nada mais restava ao Sr. Governador sentindo os seus correligionários esbulhados, se não chamar a sua presença o candidato que realmente havia vencido nas urnas e garanti-lhe em nome do Governo e de bom senso, a independência do Distrito, através dos meios legais na certeza de ser acolhido pelo poder Legislativo de Pernambuco, a oportuna e justa reivindicação do povo de Lajedo.

Satisfeitas as exigências legais, com o preenchimento dos "Itens" discriminados na Lei de divisão administrativa do Estado, foi a nossa Vila, elevada à categoria de Cidade, pela unanimidade dos representantes do povo presente à reunião do dia, através de um projeto de autoria política representativa, apresentado pelo Deputado Heráclio do Rego, representante de Limoeiro e dedicado amigo da tradicional família Vilaça, aqui radicada há muitos anos, onde é também o berço

do Professor Antonio Vilaça, domiciliado naquela cidade amiga.

E como merecida homenagem à esta família, o Dr. Antonio Dourado, ao receber das mãos do Exm^o Governador do Estado, uma cópia da Lei n^o 377 de 24 de dezembro de 1948, já promulgada, encaminhou o nome do sr. Guilhermino Virgulino de Sobral, para ser o primeiro edil da nova cidade. O nosso representante, Deputado Armando Monteiro, achou muito justa a escolha e logo foi instalado a nova Prefeitura no dia 19 de janeiro de 1949. E assim estavam de parabens todos os lajedenses, naquela data, por terem recebido das mãos de DEUS o maior presente, do NATAL de 48 e ANO BOM de 49.

O PRIMEIRO PREFEITO

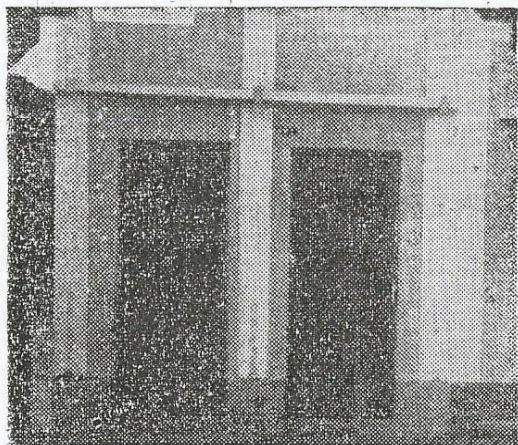


Guilhermino Virgulino de Sobral

Primeiro Prefeito de Lajedo, nomeado por Ato do Exm^o. Sr. Dr. Barbosa Lima Sobrinho - Governador de Pernambuco naquela época.

Assumiu o cargo aos 19 de janeiro de 1949; zelando pelo seu compromisso até 19 de maio do mesmo ano, quando entregou ao Presidente da Câmara, o sr. Adalberto de Castro Barreto, que exercendo sua função 17 dias apenas, enquanto se preparava a festa com mais pompa para entregar nas mãos do Prefeito eleito José Nonato de Oliveira, No dia 5 de junho, realizou-se o festival.

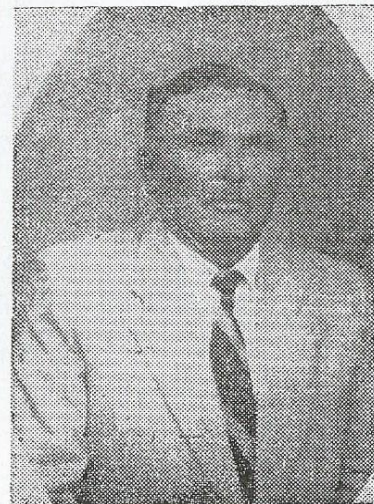
PRIMEIRA PREFEITURA



Este é o depósito de cereais onde o Sr. Guilhermino Virgulino de Sobral armazena suas safras e, como não houvesse uma casa suficiente para instalar a Prefeitura, foi este utilizado para tal fim.

Ali se tornou sede do Governo depois transferido

para o prédio onde funciona a Coletoria Federal e, posteriormente, para o definitivo, na Praça Joaquim Nabuco.

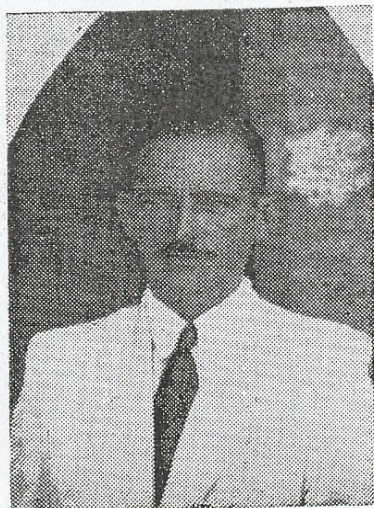


José Paulo Barbosa

Primeiro Tesoureiro, recolheu os primeiros dinheiros no cofre de sua propriedade, por não haver um, na nova Prefeitura. Foi nomeado pelo Ato n^o 1 do Prefeito Guilhermino Virgulino de Sobral, percebendo oitocentos cruzeiros (Cr\$ 800,00) antigos apenas.

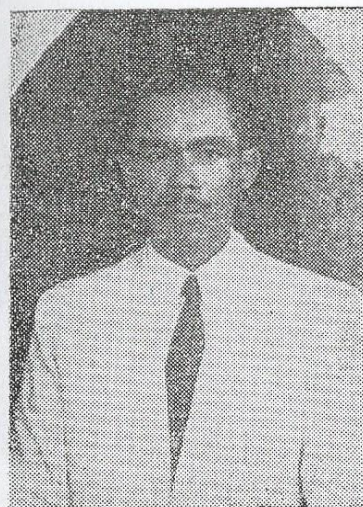
Bairrista e gostando de história tornou-se assim o pioneiro do presente ALBUM no qual leva às gerações jovens o exemplo de sua abnegação e denodo dos nossos maiores pela grandeza de Lajedo. Aposentado em 28 de fevereiro de 1962, sendo Prefeito o Sr. Francisco Ferreira Rosa, na saída venceu Cr\$ 5.800 (velhos).

Poeta e pensador, junta no presente volume algumas poesias e pensamentos de sua criação.



José Vieira da Silva

Acompanhante da Comissão instaladora da nova Prefeitura, e que da mesma foi Secretário, vindo da Cidade de João Alfredo, de onde é filho e com prática de trabalho do seu cargo, desempenhou com zêlo a sua função, com grande vivacidade nada lhe escapava; depois de cinco anos deslocando-se para Recife pois ali encontrou conveniência como funcionário das Docas, onde ainda hoje se acha, investido de seus trabalhos.



Antonio Caetano dos Santos

Primeiro Porteiro Contínuo da Prefeitura de Lajedo, cometeu homicídio em defesa própria e foi absolvido, indo, viver em outra região.



Cassimiro Carlos Barbosa

Primeiro Fiscal Geral, que exerceu igualmente o cargo de Delegado de Polícia. Permanecendo no primeiro cargo, quando veio a falecer em 6-8-1960.





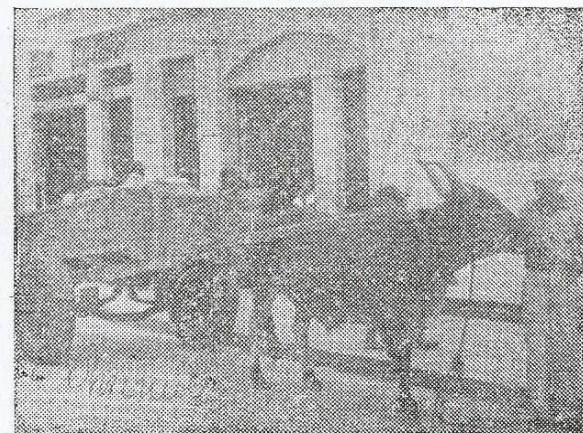
Antonio Francisco Galdino

Agente Arrecadador, já vinha servindo no Distrito antes de passar a Município, continuando sua missão como dantes, alcançando a sua estabilidade.



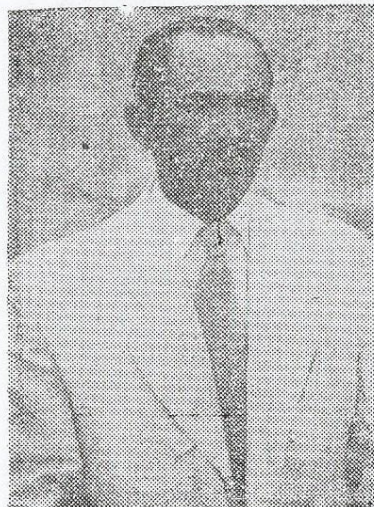
Elizabete Gomes

Primeira Escriurária, desempenhou com precisão suas funções durante o Governo de José Nonato. Depois exonerada, retirou-se para S. Paulo, onde contraiu núpcias e fixou residência.



Boi Mineiro, 1º. transporte da Prefeitura.

Este boi serviu a Prefeitura de Lajedo oito anos mais ou menos, foi comprado a Ernesto de Souza, ainda muito novo, mas já formado, pela importância de um mil e quinhentos e cinquenta cruzeiros velhos. Era muito manso servia até de cavalo para os meninos que aproveitando-se da sua mansidão subiam três de uma vez sobre o seu lombo, mas era muito inimigo de pessoas armadas de espingarda. Quando Dr. Dourado Prefeito tentou trocá-lo com outro de Jaime Cavalcanti, depois de feito o negócio o velho Tesoureiro compadeceu-se e pedindo, e se empenhando ele resolveu poupar a sua vida. Apresenta-se na foto comendo pão na Padaria Glôbo, de propriedade do Sr. João Saturno da Silva. Morreu no trabalho.



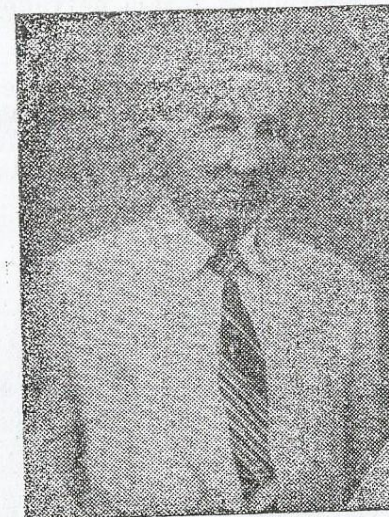
João Antonio de Medeiros

Arquiteto, vem acompanhando tôdas as fases do nosso desenvolvimento, como se lê na página dos seus trabalhos.



Manoel Firmino Burgos

Nasceu aos 19 de dezembro de 1907, família do fundador da Cidade, neto do Barão Cazusa, exerceu o cargo de Fiscal Geral do Município prestando seu relevante trabalho, muito autônomo. Deixou o cargo por interesse próprio.



José Nonato de Oliveira

Primeiro Prefeito eleito no dia 8 de maio de 1949, na legenda do P. S. D. Disputou o pleito com o Sr. Francisco Cordeiro Magalhães da U. D. N. vencendo-o por 204 votos. Tomou posse no dia 5 de junho do mesmo ano, (Domingo de Pentecostes) às 14 horas. Apesar das conseqüências encontradas para sua administração. José Nonato, muito fez pela beleza da nova Cidade: fez o calçamento da Praça Santo Antonio, prosseguindo Barão Cazusa e José Pereira de Carvalho. Quando terminou o seu mandato, ficou bem vivo na história; todo Lajedense estava satisfeito. Entre os feitos de seu Governo destacam-se além do calçamento que foi muito necessário, outras benfeitorias foram deixadas, como sejam: a construção do açude do Missionário, modificando a estrutura de Terra para Pedra e cimento; em convênio com o Estado construiu a Mater-

nidade, comprou um Caminhão, melhorou os Caldeirões aumentando a capacidade para prender mais água; nomeou uma pessoa para conservar a higiene dos mesmos. Ainda outros trabalhos menos importantes foram deixados por José Nonato de Oliveira.

Apesar das rendas se apresentarem limitadas no período do seu mandato, que apenas somou Cr\$ 2.753.594.40 (antigos) inclusive o arrecadado pelo o primeiro Prefeito Guilhermino Virgulino do Sobral; foram grandes as realizações do velho governante de Lajedo.



Adalberto de Castro Barreto

Primeiro Presidente da Câmara

Posse da Primeira Câmara de Vereadores

Sob a presidência do Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca de Canhotinho, que serviu como Juiz Eleitoral no pleito de 8 de maio de 1949, prestavam compromisso legal os seguintes Vereadores: Adalberto de Castro Barreto,

Arlindo Ferreira da Silva, Antônio Paulo Barbosa, Clementino F. Lima, Estefânia Costa Crêspo, Francisco Manoel de Torres, José de Andrade Amaral, José Jordão Sobrinho e Manoel Vieira de Melo.





Simpliciano Cardoso

Nasceu aos 25 de agosto de 1918, no município de Palmeirina. Começou sua vida como comerciante, trabalhando com Antonio Pereira da Costa, deixando-o a 17 de agosto de 1940. Logo após casou-se, seguindo o seu destino por conta própria, somente com a coragem de que era possuído. Como fosse hábil ao comércio, ia começando a fazer fortuna, ganhando simpatia em todos os seus empreendimentos, social, comercial e político. Na eleição de 8 de maio de 1949 foi eleito Sub Prefeito da nova Cidade, cargo que apenas exerceu um ano seis meses e nove dias, quando foi apanhado pela mão assassina que lhe ceifou a existência enlutando sua família e amigos que aguardavam o seu futuro. Esta triste cena ocorreu em 28 de novembro de 1950. Não estou credenciado dizer o motivo da morte de Simpliciano, dado as suposições que somente os arquivos do processo na justiça poderam divulgar. O criminoso evadiu-se sem deixar pista, apenas muitos dias depois foi capturado através de um retrato, pela polícia Baiana.

Recambiado até Lajedo, pelo nosso então delegado

civil Cassimiro Carlos Barbosa, ficando assim recolhido à penitenciária local onde aguardava as formalidades da justiça, que não chegou alcançar sendo surpreendido pela morte. Esta tragédia verificou-se no dia 13 de abril de 1951 (sexta-feira), quando o réu se aproximava da porta de entrada da Prefeitura onde a justiça ali o esperava para dar depoimentos e depois ser transferido para outra cadeia, onde fôsse mais confortável.

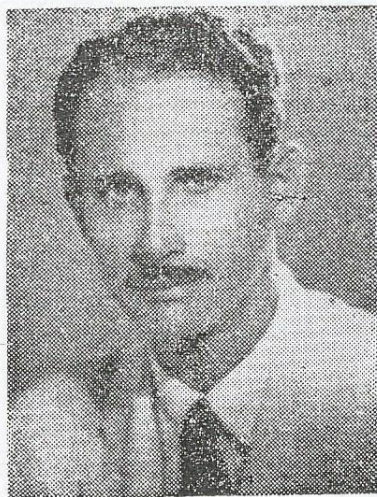
A viúva de Simpliciano, achava-se de emboscada na casa vizinha a Prefeitura, desfechou um tiro à cabeça pondo-o sem vida ao sólo.

Lindalva a vingativa, foi presa depois de ter tomado seu carro que lhe esperava em pronto funcionamento para fuga. Dois policiais que no momento da morte procuraram efetuar a prisão, na vez que ela corria no interior da casa, ainda vista pelos policiais, um destes indo atrás do outro desfechou um tiro contra ela, atingindo o companheiro que teve morte imediata: era este o soldado Jazom da Rocha deixando viúva Teté Machado e na órfandade sua primeira filhinha. Foi triste esse dia, quando à caminho do cemitério seguia dois entêrros juntos. Foram julgados, Lindalva e o policial no dia 28 de setembro do mesmo ano, sendo absolvidos no tribunal do júri.

Coincidiu com a inauguração do Telefone que deixou de ter uma boa assistência, por estar o pessoal interessado em assistir o júri.

O primeiro telefonema foi dirigido a Arapiraca (Alagoas) por José Paulo Barbosa, a um seu amigo de Caruaru que ali, estava aguardando o resultado do julgamento, pelo tribunal de jurados.

Desta forma foram absolvidos: Lindalva Gomes por ter vingado a morte de seu marido Simpliciano, bem como o soldado José de Tal (Zezinho) que no cumprimento do dever tirou a vida do seu companheiro de trabalho.

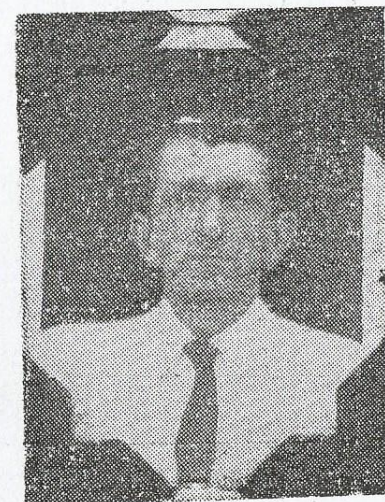


Administração do Dr. Dourado (1953 a 1957)

Em 19 de maio de 1957 encerrou-se o quadriênio administrativo, do Prefeito acima mencionado, neste período nossa Cidade progrediu consideravelmente com sua boa administração, apesar da renda não ser fabulosa.

Foram admiráveis os trabalhos do Dr. Antonio Dourado. Terminou o Açougue Público, construiu o Mercado, quatro praças das quais Simpliciano Cardoso, portando o seu busto, terminou a Praça Santo Antonio onde localizou um moderno pavilhão (Cintura Fina) e um coreto à frente da Matriz, a Praça Joaquim Nabuco e construindo na mesma praça o luxuoso prédio municipal, no qual funciona o Forum, Câmara e o Governo Municipal (Executivo). Remodelou o Açougue velho transformando-o em três seções: Sede da Música 24 de Dezembro, IBGE e Correios e Telégrafos. Comprou um terreno para abrigar os pobres e criou uma escola equipada na Capela de São Sebastião, erigida com seu auxílio. Comprou ainda um

terreno para o matadouro, deu a criançada um Parque Infantil, calçou as principais artérias num total de um quilômetro de calçamento em extensão. Com seu inabalável senso de um grande administrador adquiriu uma difusora "A voz do agreste", indenizou diversos prédios irregulares; no Povoado de Santa Luzia fez o Cemitério e o Comissariado, fêz diversas estradas e muitas boeiras e pontilhões. Satisfez bem a parte rodoviária. Vale salientar que a Escola Artesanal foi construída na sua gestão, deixando-a em fase de acabamento. Por intermédio do Sr. Dr. Armando Monteiro Filho, Lajedo recebeu o abastecimento d'água e outros benefícios que os lajedenses desfrutam e testemunham. A cifra arrecadada dentro do período foi de, apenas, seis milhões trezentos e dez mil e seiscientos e noventa e três cruzeiros velhos e quarenta centavos velhos.



Administração de José Firmino Burgos

Eleito José Burgos aos 14-4-1957, na sua gestão administrativa destacou-se a construção da galeria que se denominou cais (Hoje sob a Praça Manoel Ferreira), construiu

o Grupo Escolar D. Expedito Lopes à margem do citado cais, além de outros esgctos de grande necessidade. Fêz o calçamento das seguintes ruas: 19 de maio, travessa José Pereira de Carvalho (hoje Antonio Pereira da Costa) e ainda muitos outros trabalhos que escapam menciona-los aqui.

Deixou tudo muito bem. É digno de ficar na história de sua terra, como neto que é do Barão Cazusa; arrecadou no seu período a importância de Cr\$ 12 609.887.60.

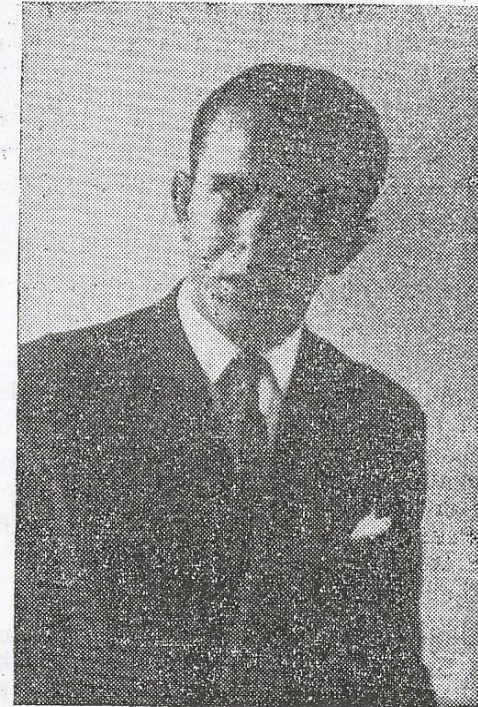


Administração do Sr. Francisco Ferreira Rosa

Eleito no dia 3 de outubro de 1960, no mesmo dia que foi eleito o Presidente Jânio da Silva Quadros. O Prefeito

eleito tomou posse no dia 19 de maio de 1961. Desenvolveu as suas atividades como homem dinâmico e trabalhador. Construiu o Matadouro, impulsionou os trabalhos da barragem, dando mais capacidade ao manancial que nos abastece, fêz o esgôto e o calçamento da Travessa 16 de Fevereiro, construiu o pontilhão à Av. Presidente Kennedy, e um outro à Av. Governador Paulo Guerra. Na rua do cemitério construiu também uma boeira, além de outros serviços de menor vulto. Foi no seu Governo que Lajedo ficou de parabéns com a inauguração da luz de Paulo Afonso, pelo Sr. Governador Dr. Cid Feijó Sampaio.

Arrecadou Cr\$ 94.336.160.10



Administração do Sr. Arlindo Ferreira da Silva

(atual Coletor Federal e Secretário da Prefeitura Municipal de Lajedo).

Figura moça, nasceu aos 8 de abril de 1926, foi eleito Vereador com o primeiro Prefeito constitucional, sendo o mais votado. Com o segundo Prefeito foi Secretário e Amanuense da Câmara. Novamente eleito Vereador para o período de 1961 a 1965.

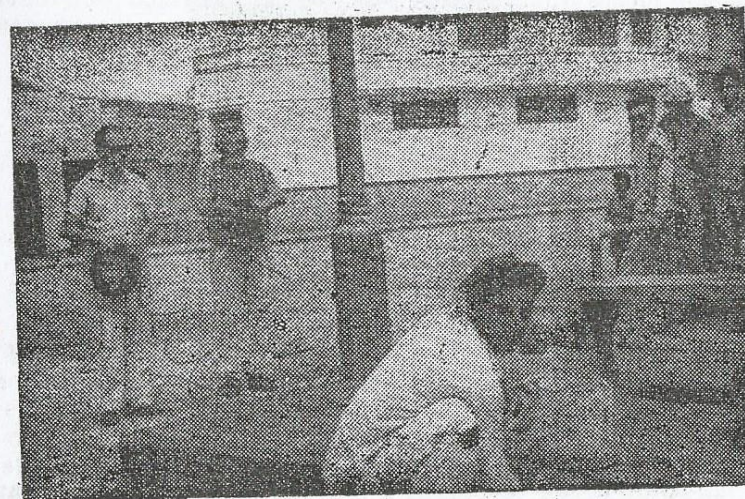
Sendo Presidente da Câmara assumiu o exercício de Prefeito por um curto período de tempo. Mesmo assim mostrou a sua autonomia. Fêz a praça a qual deu o nome de seu pai, deixou bem principiada a Praça Pacheco Medeiros, bem como boeiras e outros serviços menos importantes, que deixo de mencionar. Dentro de sua administração conquistou bem a simpatia do povo e ainda mais dos seus funcionários, demonstrando assim sua capacidade de trabalho sabendo dar o necessário a sua terra que lhe serviu de berço.

Câmara e Prefeito — Prefeito e Câmara

Lajedo de 25 de abril de 1965 a 19 de maio do mesmo ano teve três Prefeitos: Francisco Ferreira Rosa, que passou o cargo (para se candidatar) ao Vereador Arlindo Ferreira da Silva, investido no cargo de Presidente da Câmara naquela época, de cuja administração já falamos e Clementino F. Lima, eleito Prefeito, para o período de 19 de maio do mesmo ano a 19 maio de 1969.

E ainda temos um que era Vereador no mesmo período de Francisco Rosa, o qual havia sido escolhido como Prefeito da vizinha Cidade de Jupí. Este também se candidatou a Vereador, participando do mesmo pleito para o Legislativo. Podemos dizer que entre este período de 1961 a 1965, quatro Prefeitos saíram da Câmara Municipal, Clementino F. Lima era Vice Prefeito nesse mesmo período.

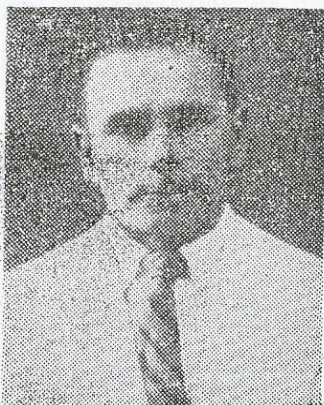
DIA DAS MÃES



Lajedo, 9 de maio de 1965 DIA DAS MÃES

Nesta data às dezessete horas, foi solenemente inaugurada a Praça Manoel Ferreira (construção-relâmpago do Prefeito Arlindo Ferreira da Silva). A fotografia atesta a rapidez com que foi feita a praça em aprêço.





Clementino F. de Lima

Atualmente o 5.º Prefeito do Município, cearense, nasceu em Serra Azul do município de Quixadá, chegou em nossa terra em 7 de abril de 1943, tomando iniciativa comercial no ramo de tecido. Indo sempre bem nos seus negócios pois para isto foi sempre muito hábil e conhecedor do ramo, soube bem conquistar a simpatia, dos seus fregueses de que é justamente merecedor; mostrou-se como seja mesmo um lajedense. Em 1953 era Vereador, em outubro do mesmo ano construiu a sua casa comercial à sua vontade, foi assim que Lajedo recebeu o seu primeiro sobrado. Casou-se com uma moça filha de Caruarú, mas que residia em nossa cidade. Diz ele que ao chegar aqui, o seu primeiro entrevistado foi Manoel José, conhecido por "Manoel do Feijão". devido a sua profissão de comerciante no ramo. A segunda palestra foi com o senhor José Jorge de Sobral, que também era comerciante em nossa terra. A terceira pessoa entrevistada foi José Paulo Barbosa, que prolongando o seu bate-papo estimulou muito, as suas pretensões comerciais, mostrando a necessidade de uma casa de tecidos em Lajedo, que era servido apenas por mascates de fora. Clementino jamais deixou de ser Vereador, desde que Lajedo passou a Cidade, até que chegou sua vez de

ser Prefeito. Darei informes da sua administração em uma página reservada. Em 1967, Clementino achou por bem fazer uma fusão com a firma Ferreira Barros a qual se acha funcionando no prédio de sua propriedade, ficando ele apenas respondendo como sócio da firma, conseguindo assim descansar e ficar mais a sua vontade.

Quadro Interno de Funcionários da Prefeitura de Lajedo

Como assistentes do Prefeito Clementino Lima, nota-se Antonio de Oliveira exercendo o cargo de Secretário (passando depois à Arlindo Ferreira da Silva, por se achar sobre-carregado) ficando apenas, na contabilidade (Diretor), dada a sua competência e boa prática de trabalho, o qual a ser feita esta reportagem acha-se em gôzo de licença prêmio. Tesoureiro, o velho zeloso Antonio Siqueira; Maria Dolores, moça de idade e que tem a seu cargo a tarefa de Escriurária da Receita; a moça de quem falo, é o sustentáculo de seus pais, que em avançada idade, não têm possibilidade mais de se manter. Zela ainda com carinho, os seus sobrinhos orfãos de pai, que foi morto por uma corrente elétrica em Jupi, aos 23 de janeiro de 1965. Maria da Penha (Penhinha) apresenta-se como Escriurária da Despêsa; Edvaldo Vieira de Souza, Auxiliar de Escrita. Porteiro Continuo, Maria Ivonete; Coletor, Abiatar Guaraná Filho; Auxiliar, Noême Ferreira, Manoel Farias, Zelador, substituindo o falecido Cosme Espiolino.

Quadro Externo de Funcionários

Os restantes funcionários nomeados pelo primeiro Prefeito, José Nonato de Oliveira, são os seguintes: João Antonio de Medeiros, Mestre de Obras, baluarte na sua

profissão, na execução de tôdas as obras de vulto desta Cidade, a começar do Palácio do Governo Municipal, e tudo mais que é confiado ao seu dinâmico trabalho. Antonio Francisco Galdino Agente Arrecadador e João Davi. Nota-se o zeloso e esforçado Abdon Nonato de Oliveira - Fiscal Geral. Auxiliares Altino Correia, Francisco Sabino, ajudando aos trabalhos do Fiscal Geral. Além de Eugênio Cordeiro, no interior (também antigo no cargo) e Manoel das Neves, que age como Agente Arrecadador no Povoado de Santa Luzia. Existem professoras nos povoados e sítios em grande quantidade. Falaremos com destaque, em página especial, do Setor Educacional do Município, em nossa querida Cidade de Lajedo.

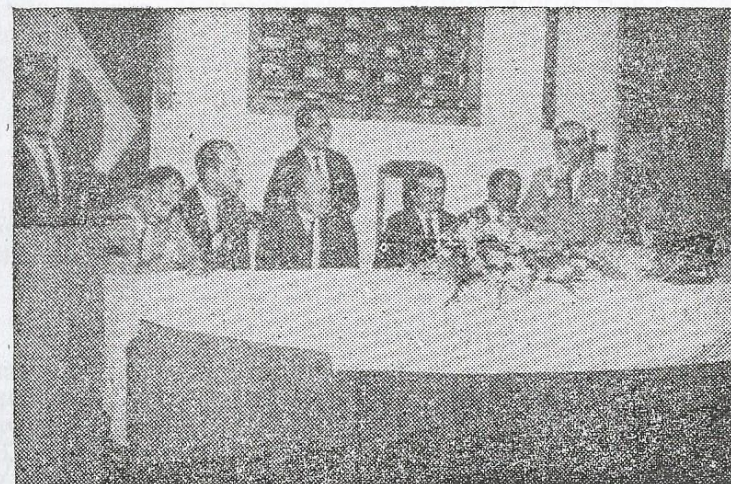
Vice Prefeito no período 1965 e 1969

Francisco Cordeiro Magalhães, companheiro de chapa de Clementino F. Lima, disputou eleição com José Nonato de Oliveira em 1949, na legenda da U. D. N. sendo vencido. Achando-se mal colocado na sua legenda, voltou os seus passos e seguiu o Partido Social Democrático, o mais forte, sendo eleito vereador e depois Vice-Prefeito.

Nascido nesta terra e comerciante de longa data, desfruta, também, seu prestígio político. É ainda pertencente a tradicionais famílias de Lajedo.

Elisio Ferreira dos Santos chegou em Lajedo em 1950 aqui estabeleceu-se no ramo de tecido tornando-se tão conceituado como se fôsse da terra.

Foi vereador desde 1953 a 1959 eleito em todos os mandatos dos Prefeitos que por aqui passaram. Foi presidente da Câmara diversas vezes, foi êle na presidência quem deu posse a Clementino F. Lima, como vemos na foto seguinte.



Na fotografia desta página a solenidade de posse do Prefeito Clementino F. Lima em 19 de maio de 1965, Vemos o Presidente da Câmara tendo à direita o Sr. Juiz Eleitoral, aguardando o momento de transmitir o cargo ao Prefeito eleito.

Espinhoso Govêrno

Clementino orgulha-se de sua administração, por ter sido êle entre os demais prefeitos que lhe antecederam, quem superou em receitas e realizações. De fato o campo de rendas foi o mais amplo, jamais alcançado por alguém. Na parte econômica êle tornou-se um ponto de mira aos olhos de todos, chegando a prejudicar seu próprio govêrno. Os candangos por não receberem o salário levaram-no à justiça, sendo assim legalizados os trabalhadores, bem como o I. N. P. S. que também achava-se prejudicado. A essa altura as economias

foram de água abaixo tirando-lhe aquêlê prazer de acumular dinheiro, com o objetivo de sobrar reservas, para o seu sucessor não sofrer o que êle havia sofrido ao entrar na prefeitura, pois êste era seu desejo. Porém, tudo foi ao contrário, em vez de satisfação, teve dissabôres e aborrecimentos, mas que êle confiante na sua honestidade, suportou tudo sem dar demonstração, como homem de fibra, como de fato o é.

Firmado na sua honesta capacidade, não mostrou nervosismo, mas de pé aguardando a decisão da justiça, tendo um resultado feliz.

Realizações de Clementino em seu período administrativo: aquisição de dois caminhões caçamba para transporte de material de construção e terraplanagem etc. Comprou o terreno onde se acha as casas populares, o terreno do Grupo Padre Emilio Lins, deixando-o instalado com água e luz. Ainda um terreno de grande proporção para o matadouro, já em fase de acabamento, as casas dos pobres e a Cadeia pública, onde será construída. Fêz o pontilhão no Riacho Prata que corta aquela avenida, indenizou onze casas para melhorar a rua João Pessoa, fêz um grande melhoramento no Grupo D. Expedito Lopes, dando-lhe capacidade para maior número de alunos. Construiu um grupo no sítio Cantinho, terreno doado pela Prefeitura. Comprou o Prédio onde irá funcionar o BANDEPE, fêz ainda o empedramento do Rio Chata, uma boeira no sítio Angicos outra no sítio prata e na rua Sebastião Sales.

Ampliou as rêdes elétricas em diversas ruas da Cidade e perfurou dois grandes poços bombiados para o abastecimento de água na mesma.

Deixou toda iluminação a vapor de mercúrio e 10 mil paralelepípedos pagos.

Deixou na Prefeitura quatro Birôes, uma máquina elétrica de calcular e duas de datilografia, bem como tantas outras coisas menos importante.

Embelezamentos e Utilidades

Fêz em diversas ruas da Cidade 11.747 metros ² de calçamento, 2012 metros de esgôto nas ruas mais precisadas, 27 metros de muro, 94 metros de calçadas, iniciou os trabalhos de abastecimento de água do núcleo residencial D. Maria Dou-rado, transformou com muito trabalho um palanque entregando-o para ser estação telefônica para bem de nossa querida Cidade.

EDUCAÇÃO

Manteve 90 escolas municipais, rurais e subvencionadas. O Grupo D. Expedito Lopes onde funciona como Ginásio, tem uma verba de Ncr\$ 300 mensalmente, pago pela Prefeitura. O curso pedagógico é custeado pelo município, falando-se da parte docente. Não é por demais necessário falar de tôdas as coisas feitas por Clementino mesmo coisas que nós podem escapar.

Movimento Financeiro

A partir de 19 de maio de 1965 a 19 de maio de 1969 foi arrecadado Ncr\$ 950 924 56 havendo a seguinte despesa 952.727,29 verificando-se um deficit de 2,102,73.

Assim encerrou-se o governo de Clementino no dia 19 de maio de 1969. Não tendo a quem passar o governo do município, pois que o ato complementar n.º 7 afastou a possibilidade de um novo prefeito eleito, para suceder o anterior. Como não apareceu o interventor o ex-prefeito mantém-se na Prefeitura, aguardando ordens do Sr. Presidente da República.

SURPRÊSA...

Apesar de tanta inveja, tanta confusão, que acabou

trazendo uns certos aborrecimentos a Clementino, no seu período administrativo, torna-se justamente hoje; uma glória. Foi homenageado como um dos que mais trabalhou, podendo seguir suas atividades como interventor.

Eis aqui, as santas palavras do "Evangélho: quem se humilha será exaltado quem se exalta será humilhado

Página Complementar

Lajedo, fevereiro - 69.

Estava tudo certo para ser o sucessor do Sr. Clementino Francisco de Lima, o cidadão aqui radicado, Francisco Manoel de Tôrres (Chico Paulo), aceito na convenção da ARENA de Lajedo, como candidato único para as eleições marcadas por decisão do Tribunal Regional Eleitoral, na data de 13 de abril de 1969.

Baixado o Ato Institucional n.º 5, pelo Mal. Artur da Costa e Silva, Presidente da República, veio modificar o panorama político-administrativo e, com o Ato complementar n.º 7, suspendeu as eleições previstas no País para aquela data, fazendo assim que o Sr. Francisco Manoel de Tôrres não chegasse a ser eleito para suceder ao Sr. Clementino, exigindo pelos dispositivos da nova lei, a intervenção federal, por ordem expressa do Senhor Presidente.

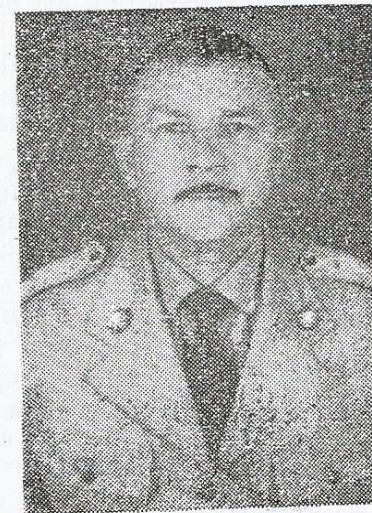
Coisas da Política

Como já é conhecido o porquê e como foi a independência de Lajedo, sabendo-se que o Professor Vilaça é filho daqui, mas radicado em Limoeiro onde é bem conceituado e por isto, foi orientador do projeto de independência Heráclio do Rêgo. Aparece logo o que se diz direito político, assim foi que os Heráclios não deixaram de

procurar uma ótima oportunidade para se infiltrarem no novo município. Julgaram-se com um certo direito de criar um bom colégio eleitoral, pois a propaganda era a maior. Em breve vem a campanha eleitoral, e nesta época José Nonato era o Prefeito. As caravanas eram consecutivas; os laços de amizade eram por demais apertados. O Prefeito era sempre presenteado e homenageado. Depois que passou a eleição, verificando-se a apuração, foram decepcionados os limoeirenses; isto como se sabe é o fruto da política. A balança sempre pen- deu para o lado de Dr. Dourado e os seus parentes Monteiro os quais sempre foram mais progressistas, no que se refere a Lajedo; mesmo que os Heráclios, por intermédio do Professor Vilaça tivessem ajudado na grande tarefa da independência.

Logo após, desapareceu aquela íntima amizade de Limoeiro no município de Lajedo. Não é de admirar que dentro desse período houvessem mesmo alguma desavença, ciu- mada.

Isto é muito comum nestes momentos onde a paz representar políticos e política.



Tenente Clidenor de Araújo Carvalho

Nasceu em Águas Belas, a 26 de outubro de 1913, entrou na Polícia de Pernambuco aos 14 de julho de 1931.

Foi o primeiro Delegado militar da nossa Cidade. Desempenhou, como Delegado e como camarada, a sua missão.

LAJEDO E SUA CULTURA

Lajedo, mesmo nos tempos mais atrasados, sempre teve assistência educacional.

Por aqui passaram professores e professoras procurando alfabetizar aquela gente mais remota.

De todos quantos passaram em nossa terra, somente Dona Júlia de Medeiros Costa deixou um bom salto de pessoas com um primário completo.

Não sabemos se por questão de ser ela filha de tradicionais da vila ou porque se esmerasse, zelando em seu magistério. Dos seus alunos resta ainda muita gente que se utiliza dos seus frutos, desempenhando funções públicas ou como professoras lecionando no Município.

Os funcionários são: Washington Pachêco de Medeiros, José Ferreira dos Prazeres, Arlindo Ferreira da Silva, Paulo José de Siqueira, Luíza Gômes da Silva (Cilú) e mais recentemente, Antônio de Oliveira e Silva - escritor do conceituado livro de poemas "A Sombra e o Tempo".

Dona Júlia de Medeiros Costa, além de ser uma grande dramaturga, foi zelosa e esforçada professora, devendo seu nome figurar na história de Lajedo com letras de ouro.



Associação Musical 24 de dezembro

Foi fundada com o título acima, em fevereiro de 1955 a associação musical desta Cidade, levado a efeito pelo Sr. Adalberto de Castro Barreto, que muito trabalhou e foi o primeiro Presidente. Como não houvesse um mestre para dirigir a escola musical o Sr. presidente foi a Recife, conseguindo o Sargento Joaquim Viana Sobrinho, que deu início aos trabalhos e apesar dos recrutados que reuniu, entrou em luta em 2 de julho e festejou o 7 de setembro do mesmo ano, com música. Por um imperativo qualquer Viana foi a Jurema acertar algum inconveniente de música, daquela cidade.

Nossa banda fracassou com a tal falta, não obstante três mestres neste intervalo, nada valeu.

Eleito presidente Elísio Ferreira dos Santos, achou por bem convidar Viana pela segunda vez, e logo levantou-a.

Página Diversional

CARNIVAL:

Lajedo, desde os tempos mais remotos, sempre teve suas épocas de divertimentos, pelo menos os carnavais eram bem animados, destacando-se o "Luzeiro" que apesar de ser um clube improvisado saciava bem os foliões daquele tempo.

PASTORIS:

Havia também animados pastoris, onde se disputavam, com entusiasmo; côres e partidos.

DRAMAS:

Os dramas, organizados por Dona Julia Costa, eram por demais merecedores de atenção; fazia gosto apreciar-se as suas partes, bem treinadas e executadas. Tudo acompanhava o ritmo antigo, somente depois vem clareando. Pelo menos no dia 1º de janeiro de 1948 seguiu novos empreendimentos de melhor estilo para Lajedo.

CINE:

O Primeiro foi iniciativa de José Pereira de Carvalho, era mudo mas já satisfazia nossa gente.

UM PASSO À FRENTE

Lajedo em fins do ano 1947, após as festas do Natal e Ano Novo, ansiava por um Clube Social onde pudesse a nobel sociedade local realizar as suas reuniões festivas e dan-

santes. Sentindo as justas aspirações do povo, já em comêço das lutas pela emancipação política do distrito, três pessoas dêste corpo social em conversação: Dr Antonio Dourado Cavalcanti, Delecarlindo Alexandre e José Jordão Sobrinho, após saírem juntos de um baile realizado no salão da Cooperativa Agro Pecuária local, às primeiras horas do dia 1.º de janeiro de 1948; em frente a casa do Sr. José Alexandre da Silva depois de demorados entendimentos resolveram fundar um Clube Social tão desejado por todos. Assentadas as bases e sob o mais alto e solene compromisso logo na tarde do mesmo dia, numa reunião bem concorrida, foi fundado e eleita a Diretoria do Clube que passou a se chamar: Clube Diversional de Lajedo, aclamado pela Assembléia Geral ali reunida sob a presidência do seu primeiro mandatário Dr. Antonio Dourado Cavalcanti, para o período 1-1-1948 a 1-1-1949.

DIRETORIA

Presidente.	Dr. Antonio Dourado
Vice-Presidente.	Delecarlindo Alexandre
Diretor Social.	Adalberto C. Barreto
Vice-Diretor	Adalberto V. e Silva
Tesoureiro	José Jordão Sobrinho

COOPERAÇÃO

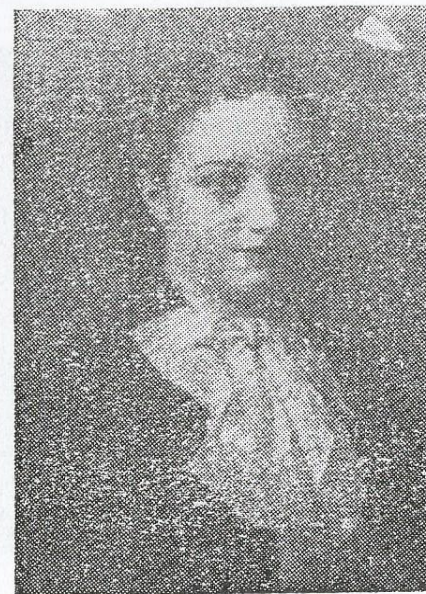
Logo que surgiu a fundação do já mencionado Clube Simpliciano Cardoso, apesar de pertencer a uma facção política da qual também pertencia José Jordão; mas em prol do progresso da terra, Simpliciano aderiu a política tornando-se o baluarte na construção do Clube do qual foi segundo presidente. bem como sub-prefeito logo que Lajedo entrou na primeira fase de sua vida constitucional; como homem de grande progresso e gostasse de diversões, criou o Diversional Esporte zelando-o enquanto foi vivo. Ainda se mantém como homenagem, o Estádio Simpliciano Cardoso.

Lajedo Contemporâneo

Nossa cidade está muito adiantada no setor Educacional. Dispõe de grupos Escolares Estaduais e Municipais, confiados a pessoas capacitadas que se não educam com perfeição mas garantem a formação primária evolutiva dos Lajedenses.

Funcionam dois Ginásios dos quais um Industrial sob seguras direções, valendo salientar que ambos zelam muito pela disciplina dos seus Educandos, Faz gosto assistir-mos os desfiles festivos ou onde se faça apresentar as Escolas de Lajedo.

Recentemente a mocidade de nossa Terra recebeu o maior presente, o funcionamento de um curso Pedagógico que tanto vem servir para formação de nossas futuras Professôras. Graças a DEUS e aos benfeitores que olham carinhosamente para nossa comunidade. Agradecendo aos poderes de nossos dirigentes parabéns Diretores de Ensino e Mocidade de Lajedo.



Clélia Pacheco de Medeiros

Nasceu nesta cidade, aos 23 de novembro de 1923, filha de Antonio Pacheco de Medeiros e D. Otilia Cordeiro de Medeiros. Perdeu seu pai em 1931 foi estudar na Capital do Estado, sob a tutela do seu tio Augusto Pacheco de Medeiros Costa. Aluna da antiga Escola Normal do Recife, diplomou-se em 1941. Concluiu o curso Pedagógico e Filosofia. Atualmente é casada com um médico paraibano Dr. Gutenberg Botelho. Reside na Capital paraibana, foi portanto a primeira filha de Lajedo a ser formada. Hoje assina-se por Clélia Botelho de Medeiros.



Maria José dos Santos

A segunda professora nasceu aos 21 de março de 1935, na rua José Pereira de Carvalho nesta cidade, filha do sr. João Anselmo e D. Maria Nanes dos Santos, muito criança foi viver em Garanhuns. Estudou no Santa Sofia, formando-se aos doze de dezembro de 1954. No ano seguinte precisamente no dia 20 de julho, foi nomeada para exercer o magistério em sua terra natal, indicada assim para a Cadeira vaga no Grupo Rural de Salôbro (hoje Imaculada) deste município, tomando posse no dia 1º de agosto do mesmo ano. Logo que assumiu passou o exercício a Srta. Maria da Penha Ferreira e foi concluir o curso de educação física em Recife, e assim Maria José no vedor de sua idade coloca sobre os seus ombros a pesada tarefa de educadora para o bem de sua terra.

2.ª PARTE

PODER JUDICIÁRIO

Com esta página estou dando conta do período judiciário, desde a fundação da Cidade (19-1-1949 a 10-3-1969).

O Sr. Guilhermino Virgulino de Sobral, muito merecidamente foi bem agraciado com os cargos de: primeiro Prefeito, interinamente, bem como Juiz.

Como Prefeito interino, de 19 de janeiro de 1949 a 19 de maio do mesmo ano. Sendo Juiz, de 20 de maio até 27 de agosto do já citado ano. Assumiu a Comarca Dr. José Martins de Souza Leão, que honrou Lajedo como 1.º Juiz.

A seguir foram Juizes:

- Dr. Pedro Ribeiro Malta
- » Clemenceau Dutra de Almida Lira
 - » Hélio da Silva Porto (resp. cumulativamente)
 - » Clodoaldo Peixoto de Oliveira
 - » Claudio Cabral de Melo
 - » Antonio Lira de Souza
 - » Rilton Rodrigues da Silva
 - » Antonio Martins Veras (Resp. cumulativamente)
 - » Armando Barros Figueredo
 - » José Agripino e Silva (atualmente)

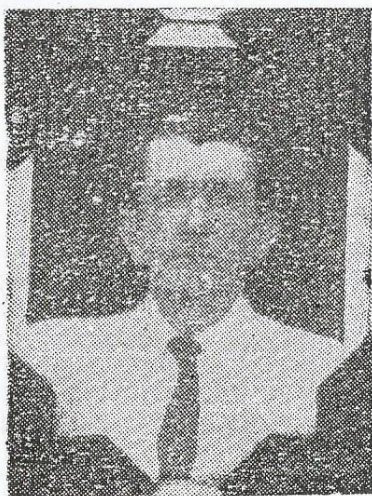
maio 1968

Página da Promotoria

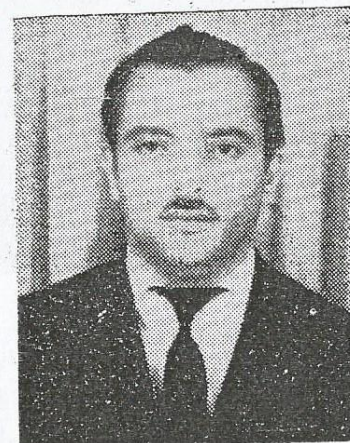
Dr. José Bartolomeu Gibson

- » Mair Maranhão Lapenda
- » Wilson da Mota Valença
- » Paulo Pedrosa de Oliveira
- » Eneas Chaves Filho
- » Jorge Augusto Lopes da Cruz Filho
- » Alípio Cavalcanti Filho
- » Roberto Emerson Câmara Benjamin

maio 1968

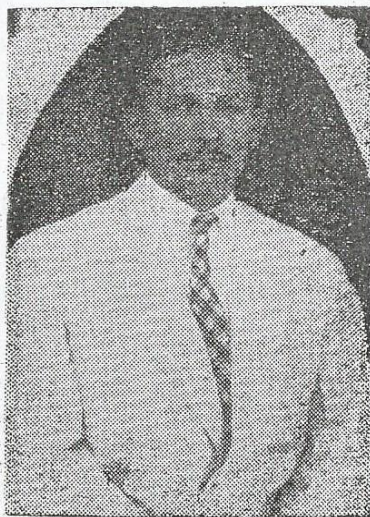
*José Firmino Burgos*

Que foi Oficial do Registro Civil com a independência de Lajedo, assumiu o Tabelionato Único tendo como substituto José Pinto Soares Filho, Rivadávia Correia de Melo e Francisco Carlos de Andrade. Tendo sido aposentado José Firmino Burgos, sucedeu-lhe José Ferreira dos Prazeres atualmente no cargo.

*José Ferreira dos Prazeres - Tabelião*

Substitutos: Nilze Bertoldo de Spindola, Maria do Socorro Ferreira dos Prazeres, Clênio Calado de Albuquerque e Luiz José dos Santos atualmente em exercício das suas funções.

Vale salientar que José Firmino Burgos, José Ferreira dos Prazeres e Maria do Socorro Ferreira dos Prazeres têm sua tradição como fundadores de Lajedo.



Depois de José Firmino Burgos ficou como Oficial do Registro Civil, Adalberto Vieira e Silva, hoje aposentado; por motivo da aposentadoria de Adalberto, ocupa hoje o cargo a snra. Maria Auxiliadora Dornelas.

Oficiais de Justiça: Julio Sales Brasil e "Manoel Jardim" (Antonio Vieira) falecido e substituído por Jonas Trajano.

C A R C E R E I R O

O primeiro e atual Carcereiro da Cadeia Pública desta Cidade é Manoel Ferreira dos Prazeres (Né) de descendência dos fundadores de Lajedo.

COMUNICAÇÕES

Foi em 1906 instalado o Correio, rusticamente; em transporte a cavalo eram trazidas as malas, poucas vezes por mês, sendo sua primeira Agente D. Inêz Pacheco de Medeiros (Dadinha), maravilhosamente ampliado esse serviço depois do automóvel, tendo chegado a possuir a linha telefônica, por intermédio de D. João da Matta Amaral, inaugurada no dia 28 de Setembro de 1951. Este telefone ainda está servindo a nossa terra (em março de 1969).

Já encontra-se em experiência novo empreendimento telefônico, que irá servir a Cidade por esses dias.

Neste período (15-3 69) dirige os trabalhos postais da cidade o lajedense Moacyr Paulo Magalhães.

A inauguração do mencionado telefone, coincidiu com o júri da ré Lindalva Gomes, como já falei anteriormente.

A esta altura era o Prefeito o Sr. Dr Antonio Dourado Cavalcanti.

Abastecimento d'água

Aos 13 de abril de 1954, às dez horas em ponto, foi Lajedo surpreendido pelo caminhão Ford, tipo 1952, chapa 29555, de propriedade do Sr. Luiz de Barros da Silva, de Caruaru, guiado pelo motorista Antonio Araújo, de apelido Gêmes. Este veículo alviçareiro conduzia os primeiros canos condutores d'água para o abastecimento da Cidade de Lajedo. Foi muito movimentado o descarregamento do citado caminhão, até o Vigário Pe. Enilio Lins, se achava ali; fizeram-se subir foguetes em penhor da alegria de que se achavam possuídos os lajedense.

E assim ficamos aguardando o trabalho da barragem: Isto no govêrno do Dr. Antonio Dourado. Ficamos aguardando as chuvas capaz de encher a citada barragem, o que só veio a acontecer em 1960, na administração de José Firmino Burgos. Foi quando os lajedenses saciaram as suas necessidades, pondo, cada um, a mão em sua torneira.

Antes disto, tendo a barragem aparado um pouco de água, não suficiente para abastecer, foi feita a prova, em 17 de julho de 1957, já na administração de José Burgos.

Energia de Paulo Afonso

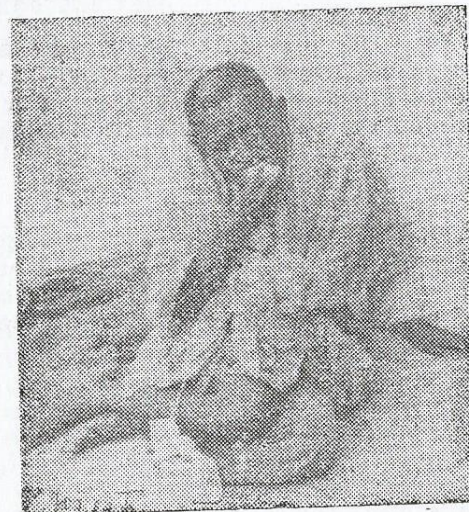
Joaquim Laurindo de Barros. foi o primeiro a montar uma serraria movida pela fôrça potente de Paulo Afonso.

Em segundo plano Jubileu de Oliveira Melo inaugurou uma fábrica de fubá, vendendo-a depois a João Leite a quem nesta data pertence.

O senhor José Rufino de Medeiros, inaugurou uma fábrica de fubá, no dia 24 de maio de 1963, ainda estando em ótimas condições, tanto o proprietário, como a maquinaria. Em maio de 1968 quando feita esta página.



CURIOSIDADES



Morreu "CONTENTE"

Vinte e oito de julho de 1963, esta data marca a morte de "Contente".

Lajedo sente a ausência do pobre veterano, que tantos dias e noites se locomovia pelas ruas, arrastando-se, sujo, molambudo, exalando mau cheiro. Coitado, um pobre sofredor sem par, e que apesar de ser um idiota não queria pousada certa. quando lhe davam um cantinho enxuto e aquecido, êle recusava. Sentia-se satisfeito com o sofrimento e não reclamava a sua sorte e só aparecia sorridente, tinha sempre o seu gracêjo para os transeuntes e depois dizia: "uma molinha" e, quando esta recebia nem sequer agradecia, sômente o riso era o seu agradecimento. Também não era conhecido o des-

tino das esmolas que recebia, parece que os meninos malandros eram quem se beneficiavam com as suas migalhas.

Gostava de festas, deslocava-se trabalhosamente da Praça Santo António até a Praça do Socorro e lá ficava todo tempo. Enquanto houvesse a festa, exposto ao sol e a chuva e tudo o mais que lhe chegasse por sorte, sorridente como que nada lhe tivesse acontecendo ou viesse arrebatá-lo seu prazer. Todo banhado em suor, êle não deixava de revolver tôda a festa.

Sempre achou quem lhe fizesse limpeza, cortavam-lhe o cabelo davam-lhe banho, mudavam-lhe os trapos; as calçadas foram sempre a sua morada, fazendo reviver o cínico Diógenes. Em pagamento de tão grande sofrimento Deus lhe dê alegria no céu, para descansar eternamente.

Lembrête do Silêncio

O cemitério Público, de Lajedo foi construído no Governo de Eugenio Tavares de Miranda, quando Prefeito de Canhotinho, em terreno que pertenceu a "Pai João" aquêle que inaugurou-o. A primeira catacumba construída guardou os restos mortais de José Ferreira de Moraes (Capitão Zezinho).

O Poeta Washigton Medeiros, querendo cooperar na pesada tarefa do presente Álbum, forneceu esta matéria que denominou "curiosidades" e na qual figura coisas do seu avô, contadas por um velho lajedense e aproveitadas pelo mesmo:

"No ano de mil e oitocentos e sessenta e nove, conforme escritura Pública passada no município de Altinho, neste Estado, então Província de Pernambuco no Segundo Império, o português Vitorino José Patrióta e sua mulher Joana Francisca de Carvalho (brasileira), perante as testemunhas José Rodrigues Jacobina e Antonio Alves da Costa Porto, faziam doação ao seu filho, de nome Francisco Pacheco de Medeiros

(bisavô do poeta) dos seguintes bens: um moleque de nome Sebastião, crioulo, no valor de setenta e cinco mil réis, (nesta época o negro contava doze anos); uma vaca solteira, no valor de vinte e cinco mil réis.

A referida Escritura foi lavrada por Dionisio R. Jacobina, e data de 2 de novembro de 1869.

Anos depois, já casado e negociante, o Capitão Francisco Pacheco de Medeiros, em suas viagens à Recife, em companhia de um seu amigo de Quipapá, de nome Fortunato de tal, transporta lã para a Capital, em lombos de animais (transporte da época), sendo os ditos animais comboiados pelo referida moleque. Ao chegar ao sítio Riacho Dantas, na hora do descanso, começaram a brincar com o baralho e, por isso resolveram jogar o escravo Sebastião Crioulo, o que fizeram. Da partida saiu vitorioso Fortunato de tal. Aquêlo jôgo foi feito até em uma saca de lã. Isso acontecido o Capitão Francisco Pacheco de Medeiros sentiu o êrro, porquanto, em acôrdo com o seu companheiro, resolveu novamente comprar o nêgro, pois era herança de seus pais, de muita estima e confiança.

Esta história foi narrada por Américo Gomes da Silva, como antigo desta terra, e bastante conhecedor dos feitos dos nossos antepassados.

Página Fúnebre

Contando oitenta e dois anos de idade, vítima de um colapso cardíaco, faleceu às primeiras horas do dia 30 de julho de 1963 D. Rozenda Sales Brasil, espôsa do extinto Sebas-

tião Sales Brasil, deixou na orfandade total todos de maior, o nosso conceituado amigo José de Sales Brasil, Júlio Sales Brasil, e Gerson Sales Brasil. D. Rozenda é natural de Lajedo, ajudou, também, fornecendo dados históricos da sua terra. Deu-se o óbito na rua Barão Cazuza n.º 50, onde foi sempre a sua residência. Que N. S. Jesus Cristo lhe coroe com o repouso eterno, pois naquela mesma data recebeu também a Corôa Papal o recém eleito Papa Paulo VI, hora em que os rádios anunciavam a coroação do novo Pontífice, seguia para sua última morada Dona Rozenda Sales Brasil.

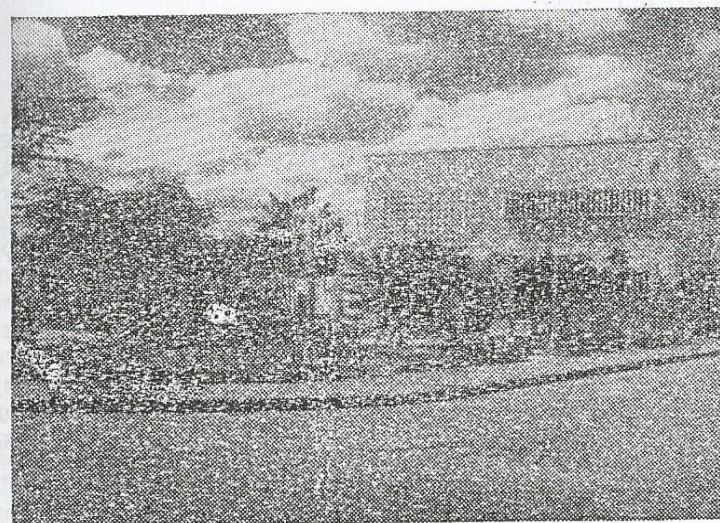


José de Sales Brasil

Nasceu aos 11 de maio de 1909, foi Escrevente do Cartório de Registo Civil, como José Firmino Burgos, quando Lajedo ainda Vila. Transferido para Canhotinho em 1942, assumiu o Tabelionato do Primeiro Ofício, e hoje (1968) e aposentado, achando-se em Garanhuns onde reside. Foi sempre

animado na sua terra, levou diversas brincadeiras, como blocos de carnavais etc. Fêz parte da Banda Musical 20 de junho, junto aos seus irmãos Gerson e Julio; sempre representou o chefe da Família,

TRANSCRIÇÕES



Praça Joaquim Nabuco e Prefeitura

Do velho Tesoureiro

Transcrito de "A VOZ DE LAJEDO"

19 de maio, data magna da história de nosso Município, chegam ao término e ao mesmo tempo se iniciam dois quadriênios administrativos. Coincidiu, portanto, que neste 57

concretiza-se um destes acontecimentos: Dr. Dourado, nosso grande chefe, vai deixar a sua pesada tarefa de administrador de nossa terra. Confesso que vai nos deixar grande saudade, tanto pelo seu dinamismo administrativo como pela sua escolha de auxiliares, com os quais estamos trabalhando tranquilamente, sem o menor aborrecimento, pois são homens conhecedores dos seus afazeres. Ainda pelo modo com que nos tratou dentro de quatro anos, nunca dando o menor desgosto aos seus subalternos, sempre tratando-os carinhosamente. Fazia-o cavalheirescamente.

Dr. Dourado, não podia deixar de aproveitar o nosso conceituado jornalzinho "A VOZ DE LAJEDO" para mostrar-vos o que senti durante o vosso Governo de progresso, de prosperidade pública e de paz. Foi na vossa fecunda e brilhante tutela que nossa Cidade recebeu lindas e modernas praças, prédios modelares como sejam: Mercado, Açougue Público e o suntuoso Palácio da Praça Joaquim Nabuco que são por assim dizer o segundo lar e o justificado e bem merecido orgulho dos vossos funcionários. É com pesar que vejo desaparecer as vossas seguras orientações. O sol fecundante que nos iluminou durante estes florescentes anos chega agora ao seu ocaso. E agora... espero que um seu imitador desponte no oriente para continuar nosso guia, trazendo nos lábios aquelas palavras com as quais foi encerrado o vosso discurso de posse no dia 19 de maio de 1953: "Nada prometo só prometo não vos decepcionar." e cumpriu fielmente.



Lajedo fêz-se representar nos campos ensanguentados do Paraguai, quando a Pátria ferida pediu o concurso dos seus filhos para expulsar o audaz invasor, por um valente soldado, Pedro, de sobrenome desconhecido, e que foi apelidado por Pedro Patuá, por usar sempre uma patrona, que na campanha servia de cartuchame. Alcançou as divisas de Sargento e deu o nome ao lugar em que morreu, ainda hoje conhecido por "Sargento", em nosso município.

Sítios Que Perderam o Seu

Nome Primitivo

Mulungú, hoje Santa Luzia (Povoado) devia-se aquele nome aos mulungus ali nativos.

Salôbro, hoje Imaculada (Povoado), nome dado por Pe. José Mendonça. Tinha o seu nome primitivo derivado do riacho salôbro que ali existe. Ali foi também onde D. Matha viveu quando criança e construiu sua Capela, onde gosava suas férias junto a seus genitores, Lá ela deixou marcado o seu nome pela doação que fêz aos Salesianos e lá está erigido o seu busto, em frente à Capela do Patronato Agrícola.

FAZENDA QUATIS

Enquadrada no município de Lajedo, como se conhece, foi originalmente doação da Princesa Izazel à Santa Casa de Misericórdia, a quem pertenceu por vários anos. Os Padres Salesianos a utilizaram como colônia de férias, para si e seus alunos. Depois foi arrendada a Mamede Amaral e, posteriormente o Governador Paulo Guerra desapropriou-a para criação de uma colônia agrícola, dirigida pelo Instituto Brasileiro da Reforma Agrária, IBRA.

Sítio Caldeirão do Vigário

Tem seu nome derivado dos caldeirões sobre a laje que corta ali todo o leito do Chata. Antigamente, à margem direita do rio havia uma fazenda de um padre chamado Fausto. Dizem que foi muito rico e que por ali enterrara dinheiro, dando lugar aos bobalhões abrirem cavernas e revirarem pedras sem proveito. Depois a rodagem atingiu aquele ponto,

levada pelo Coronel João Nunes. Quando Prefeito em Canhotinho ele fez ali um empedramento, para permitir a passagem dos carros. O local tomou o nome de BARRAGEM, assim conhecido.

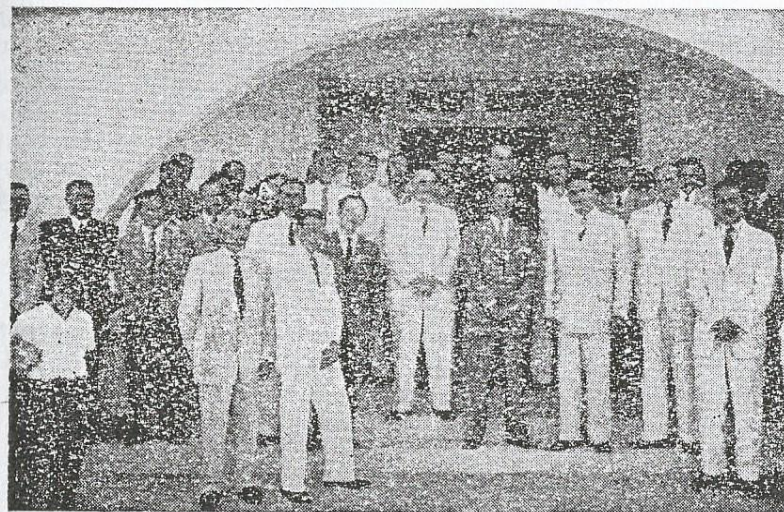
O Prefeito Clementino Lima, modificou a velha estrutura, transformando em uma obra de grande vulto, perenizando o nome propriamente dito e imortalizando sua administração. Foi inaugurado em 7-9-1968.

DIA DA PÁTRIA

Falando-se do dia 7 de setembro em Lajedo, temos um relato muito importante desta data que sempre foi animadíssima, mesmo quando Lajedo não desfrutava de crianças escolares suficientes para fazerem os desfiles, como hoje os temos, graças a Deus e ao número de educandários municipais, estaduais, ginásios, etc. Cada agrupamento tem satisfação de se apresentar, mais zeloso, mais elegante, com mais pompa. Diretores de ensino, cada qual que capriche mais, se esmerando à medida do possível afim de se apresentarem melhor, trazendo figuras fantásticas. Uma espécie de política amistosa, que não faz destruir e antes controla as belezas festivas de nossa terra, entusiasmando e engrandecendo o 7 de setembro. Enquanto os diretores se batem para vencer uns aos outros, Lajedo goza das belezas eventuais que se nos aparecem nos festejos à Pátria. As despesas são de fato grandes, tanto da parte dos pais da criança como da parte dos educandários, mas o que é certo é que entusiasmo a nossa terra ao ponto de atrair as cidades vizinhas a tomar parte nos "7 de Setembro". Desfrutando das bandas marciais e do bem reparado desfile, encerrando com as belíssimas figuras artificiais que nos parecem vivas. Adiante darei detalhes sobre as professoras e professores que se dedicam a tão grande trabalho, a fim de que os lajedenses se sintam orgulhosos, bem como a criança, que festeja o dia da Pátria.

Deixo de informar conforme ficou dito acima, quais os Professores ou Professoras que se apresentam nas festividades com suas atraentes peças, por não ter nada em mãos das comissões julgadoras que sempre atoaram nas festividades. Eu de minha parte julgo tudo igual.

Obras de Utilidade Pública



Grupo Escolar Deolinda Amaral

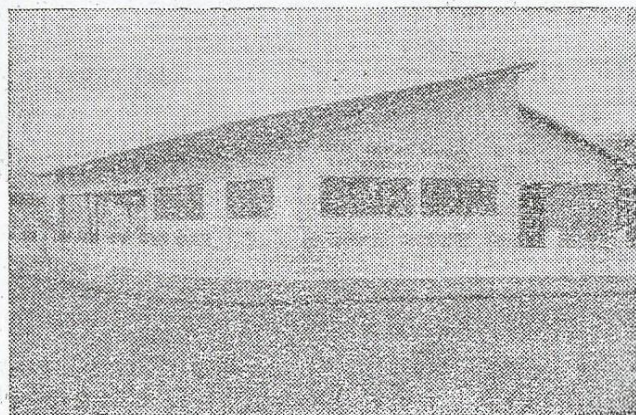
Este Grupo foi construído no Governo do Dr. Barbosa Lima Sobrinho, executando o projeto aprovado pela Assembleia Estadual, de autoria do Deputado Dr. Armando de Queirós Monteiro.

A primeira obra de vulto em nossa cidade pelo poder Estadual.

Festivamente recebeu o nome acima em 19 de maio de 1953. Neste dia também foi solenemente empossado no cargo de Prefeito eleito Dr. Antonio Dourado Cavalcanti. No ato inaugural achavam-se presentes: O Secretário da Educação, autoridades estaduais, municipais e religiosas e grande número de pessoas (foto na página 94). Foi sua primeira Diretora Maria Odete da Luz, sendo Secretário de Educação, na época, Dr. Gilberto Osorio; da Fazenda, Dr. Nilo Coelho e de viação, Dr. Armando Monteiro.

Foram sucessoras da diretora Maria Odete da Luz, as seguintes professoras: Maria Sampaio, Vair Alecar e atualmente a esforçada D. Zelia Moura de Ferreira.

Grupo Escolar Dom Expedito Lopes



Construído por José Firmino Burgos

E D U C A Ç Ã O

Março de 1969

Nesta data, as Escolas Primárias do município, são em número de 64 com 3.000 alunos.

Os educandários para o ensino secundário, são os Ginásio D. Expedito Lopes, criado pela CNEG, com aproximadamente 180 alunos e 8 professores. O Ginásio Industrial, agora, funcionando também noturnamente, com uns 200 alunos em todas as suas séries e um corpo de uma dezena de professores.

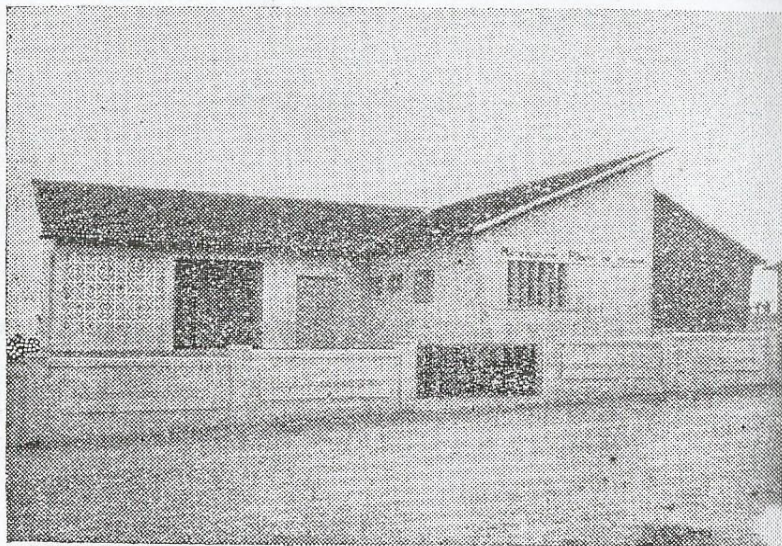
Criado em 1968, o Colégio Normal de Lajedo, atualmente funciona com duas séries e tem aproximadamente uns 50 alunos. Devido ainda não possuir prédio próprio, está instalado no Grupo Escolar Estadual Pe. Emilio Lins.

Hotéis e Pensões

Até os dias atuais, Lajedo conta com 1 Hotel de porte médio, diversos restaurantes e pensões, que servem aos passageiros e diaristas.

Veículos

Já nesta parte, os veículos matriculados, segundo informações do Guarda de Trânsito local, atingiram ao número de 99 isto é, motorizados e, 79 bicicletas.

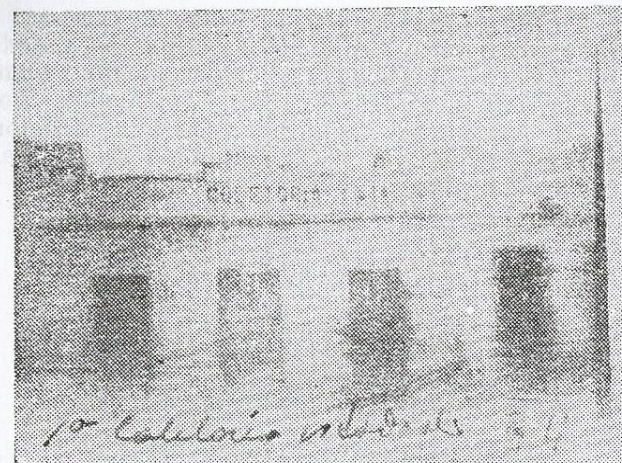


Maternidade e Posto de Higiene

Construído no Governo do Sr. Dr. Agamenom Magalhães, achava-se na Pasta da Sec. de Viação o Sr. Dr. Armando Monteiro Filho, este nosso befeitor que muito fez por nossa terra, dando os melhoramentos necessários. O Sr. José Nonato de Oliveira, como Prefeito, acompanhou todos os trabalhos que pesavam sobre seus ombros.

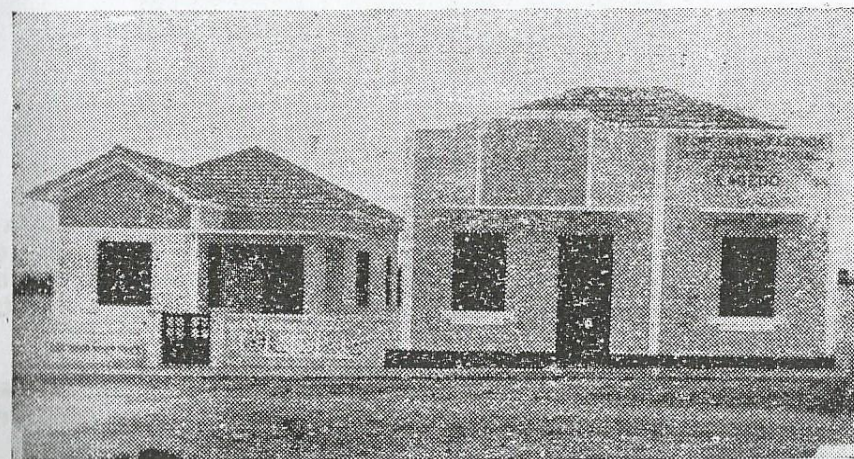
Não foi inaugurado no seu governo por motivo superior; o que veio acontecer em 1956, com a presença de então governador Cordeiro de Farias (General). A esta altura era o prefeito da Cidade Dr. Antonio Dourado.

Foi festivo esse dia muita gente se achava presente ao ato inaugural, como sempre é de costume juntar muita gente, onde chega o Governador ou pessoas de alto gabarito.



Primeira Coletoria Estadual

Foi instalada provisoriamente no prédio, como se vê, pertencente ao Sr. Francisco Cordeiro Magalhães e seu primeiro Coletor foi João de Amorim de Barros, tendo a seu lado o Escrivão Pedro de Souza Vilaça.



Nova Coletoria e Residência do Coletor

Na fotografia da página anterior vemos o moderno prédio onde funciona a Coletoria Estadual de Lajedo, e anexo, a Casa de vivenda, destinada a residência do Coletor e família ou funcionário daquela Repartição; construída no Gov. do Exmº Sr. Dr. Agamenom Magalhães (já nos últimos dias de sua vida), acha-se situada na Avenida de seu nome, sendo seu Secretário da Fazenda o posteriormente Deputado Irineu de Pontes Vieira.

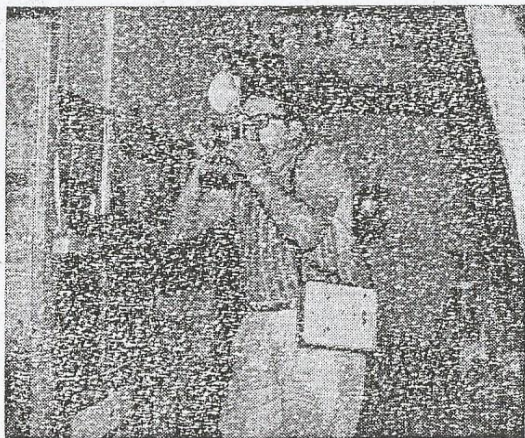


Foto Dom Expedito

Lajedo é bem servido nos momentos que implora os trabalhos do fotógrafo José Luiz (DEDA), este não mede distância em bem servir, sempre pronto estar atendendo a qualquer chamado, nos momentos festivos ou qual seja a eventualidade.

Com o maior gosto e satisfação, ele se apresenta todo equipado o mais breve possível e logo tudo está resolvido.

E assim é o nosso fotógrafo de confiança DEDA.

3ª. PARTE

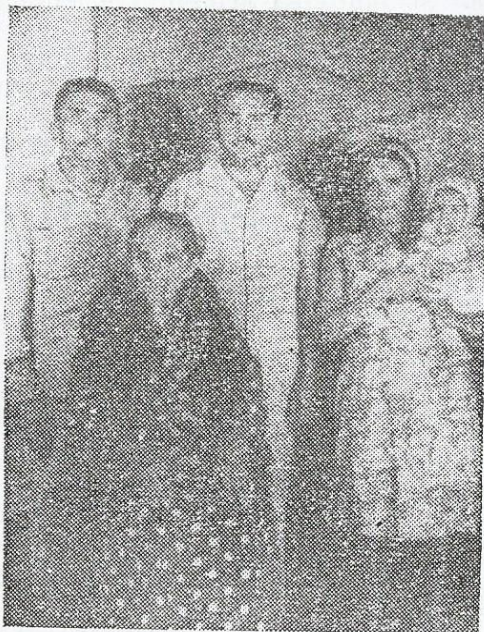
Auto - Biografia,

Versos

e

Crônicas





Nesta foto vê-se a Srna. Margarida Jacinta da Conceição, genitora do autor do presente "Album", ela aqui, presidindo a sua quarta geração:

João Paulo Barbosa	-	filho
Euclides P. Barbosa	-	neto
Maria Adeilda	-	bisneta
e Maria Laudicéia	-	trineta

Alem destes ainda há em S. Paulo, Paraná e em Lajedo, seis (6) trinetos.

Auto Biografia (nota)

Nasci em Fazenda Nova sítio bem conhecido e integrado no Município de Lajedo, à margem esquerda do Rio Chata, aos 26 de fevereiro de 1892, em frente a casa dos meus avós paternos, João Paulo de Oliveira e Cecília do Espírito Santo.

Meu Pai Manoel Paulo de Oliveira e minha Mãe Margarida Jacinta da Conceição, tiveram a grande alegria de olharem um varão recém nascido, seu primeiro filho: EU.

Em uma casinha de taipa, coberta de telhas, mesmo sem conforto, de fato, mas tenho certeza que fui muito beijado e bem acariciado por meus pais, com o meu sagrado direito de primogênito.

Foi ali onde recebi este mundo amplo e majestoso, ao balbucionar as primeiras palavras, chamei papai e mamãe. Foi ainda ali, postado diante de minha mamãe, que aprendi rezar o pai Nosso e Ave Maria.

Em casa de minha avó Cecília, mamãe do meu papai . . . Meu DEUS, que saudade. . . DEUS guarde minha avozinha no CÉU aquela que me ensinava ORAÇÕES das quais ainda conservo na memória. Jesus Cristo disse Missa São Pedro benzeu o Altar assim benze minha cama que nela vou me deitar. Amém.

" O começo de Lajedo "

Versos matutos com que o Sr. José Paulo Barbosa encerrou a cerimônia de comemoração do 2º aniversário do Município, em 19 de maio de 1951.

(Publicado em VIDA NORDESTINA)

Em uma linguagem matuta
Em uma humilde poesia
Mesmo sem teoria
Mas como alguém me insulta
Resolvi entrar da luta,
Enfrentando a bomba e o torpedo
preciso perder o medo
Peço a Deus que me abençõe
Para eu dizer como foi
O começo de Lajedo

Quando Lajedo uma aldeia
Tinha á sua frente então,
O velho Cazuzo o "Barão";
Depois Capitú de Gouveia,
O velho Laurentino Correia,
Como aqui faço menção
Desempenhou função,
De alta categoria
Fez papel de fidalguia
Desta velha tradição.

Regeneraldo em dinheiro
Nesta terra foi falado,
E também foi respeitado
O velho Pacheco de Medeiros,
Fez papel de engenheiro,
Era genro do "Barão".
Tinha patente de Capitão.
Não esquecendo Zé Pereira,
Firmino Burgos, Manoel Ferreira
Figuras de projeção

Lajedo foi uma fazenda
De um Velho Vicente Ferreira,
E assim desta maneira
Iniciou sua legenda
Teve primeiro uma venda
Do velho Cazuzo, o "Barão",
De onde vem a sucessão.
E devido o grande rochedo
Tomou o nome de Lajedo
Teve grande aceitação.

Velho Cazuzo, o "Barão",
Que foi filho de Vicente,
Constituiu muita gente
E criou a povoação,
Aumentado a geração,
Criou aqui uma feira,
Pequena coisa ligera
Mas como o povo foi querendo
A povoação foi crescendo,
Fazendo sua carreira.

Disse-me Manoel dos Prazeres
Conhecido por Manequinho
Interrompi um pouquinho
Ou mesmo os seus afazeres
De acôrdo os seus dizeres
Foi êle quem me informou
Conforme êle citou
Neste nosso entendimento,
Foi em janeiro de novecentos
Que a atual feira começou.

Dizendo êle então,
Que antes houve uma feirinha;
Sòmente Dona Dondinha
Dará esta expliação
A pessoa dêle não,
Porque não é do seu tempo
Não querendo fazer aumento
Mais que aqui era mato bruto,
Uma estrada de matuto
Viajar para São Bento.

Aqui existe muita gente
Vindo desta geração,
Neto, bisnetos do "Barão",
Na cidade é permanente,
Uma filha existente
Que é Dona Dondinha,
Que apesar de tão velhinha
Ainda dá recado certo,
Conta história a seus netos
E canta uma toadinha.

Fazenda na antiguidade,
Em boa estrada desfila
De fazenda passou a vila
De vila passa a Cidade,
É de Deus esta bondade:
—Que tudo marche direito;
Lajedo gosa deleito
Em seus colaboradores
Câmara de Vereadores,
E esforço do Prefeito.

Lajedo terra adorada,
Tenra Cidade do meu sonho,
Consagrada a Santo Antonio,
De Deus és abençoada,
Já fostes subjugada
Aos grilhões de Canhotinho,
Como se fôsse um passarinho
Que vive sem liberdade,
Hoje estás de verdade,
Pousando no teu ninho.

Constitucionalmente
Lajedo tem seu Prefeito,
Promotor, Juiz de Direito,
Autoridades competentes,
A Cidade está contente
Empolgante de alegria,
Tem Padre, é Freguezia,
Tudo está a voniade,
Lajedo hoje é Cidade
Com tôda soberania.

Com o nosso bom Prefeito
A Cidade está em andamento,
Uma parte do calçamento
Já está tomando geito,
Ficará tudo direito,
Êstes são os votos meus,
Tenho confiança em Deus,
Vamos lutar com firmeza
Lajedo e sua grandeza
Confia aos filhos seus.

Com muita satisfação
Estamos aqui brincando
E mesmo assim festejando
Nossa constituição,
Viva nosso Pavilhão
Desta Cidade pioneira,
Uo nosso Agreste a primeira
Não se protesta a respeito;
Vamos dar palmas ao Prefeito
JOSÉ NONATO DE OLIVEIRA

Ofício de despedida à Câmara de Vereadores em 12 de março de 1962

Exmº Sr. Presidente e demais membros da Câmara Municipal de Lajedo.

Não posso deixar de me dirigir a esta Casa com a subida honra de levar a minha despedida, de gratidão e saudade, uma vez que tive de me afastar do cargo que ocupava, na Prefeitura Municipal de Lajedo. Aqui tenho agradecimento: primeiramente ao bom Deus, que premiou me com esta grande

glória de alcançar os meus setenta anos, nos quais é sagrada a minha aposentadoria; quero prolongar esta série de agradecimentos, ao meu bom velho amigo Guilhermino Paulo, que como primeiro Prefeito desta Cidade, honrou-me com o seu primeiro Ato, nomeado-me Tesoureiro, no dia 19 de janeiro de 1949, cargo êsse que jamais deixei de honra-lo; ao velho amigo José Nonato de Oliveira que como segundo Prefeito me conservou no referido cargo, mesmo que ainda não tivesse a estabilidade, o Exm^o Sr. Dr. Antonio Dourado que foi o terceiro Prefeito aceitou-me como os demais seus antecessores, e deu-me a estabilidade; ao velho amigo José Firmino Burgos, que como o quarto Prefeito muito soube dispensar o meu nervosismo trazido pelos meus vividos anos; e ao Senhor Francisco Ferreira Rosa, o atual Prefeito que condignamente aposentou-me; aos meus colegas de trabalho, que tanto respeitaram a minha indoneidade e perdoaram os grosseiros modos de os tratar, com as exigências de um velho nervoso; aos nobres Vereadores que na totalidade são testemunhas da minha atuação no cargo que ocupava que muito me consideraram com aprêço.

A todos, os meus sinceros agradecimentos e peço desculpas das minhas faltas cometidas. É com imensa saudade, que me despeço das horas habituais do meu trabalho, tenho saudade das quitações, cheques e balancetes que tantas vezes assinei, do cofre que tantas vezes abri e fechei, do meu birou mal arrumado, cheio de pedaços de papéis e carbonos imprestáveis. Tenho porém, certeza que com esta mal arrumação levei aos cofres algumas dezenas de cruzeiros, aproveitando pedaços de papel usado. Sinto saudades das lágrimas que muitas vezes meus olhos verteram nas horas amargas, quando ao fechar e fazer prova do caixa encontrava diferença por muito tempo enguiçado. Tenho ainda saudades das alegrias quando encontrava o que estava procurando; me enchia de vida como se naquela hora tivesse nascido. E ainda, meus senhores, peço perdão das minhas faltas cometidas, tanto no meu trabalho, como no meu fraco modo de tratar; a todos um cordial abraço e um forte adeus de despedida, fazendo votos para que Deus proteja esta Casa e lhe dê um nôvo Tesoureiro capaz de ser o guarda das economias deste tão rendoso Município.

Que todos os dirigentes do futuro desta Cidade sejam como até o presente vem acontecendo: homens por demais honestos e trabalhadores.

Espero sempre que Lajedo viva na honra dos seus filhos, e os seus filhos vivam em Lajedo.

E que Deus os acompanhe com muitas felicidades.

a) José Paulo Barbosa

Saudades do Pe, Emílio

Artigo em homenagem ao saudoso Sacerdote publicado no "O JUBILEU" edição comemorativa do jubileu da Paróquia, de 16 de fevereiro de 1966.

Graças a Deus com os meus 74 anos, estou assistindo os preparativos da maior festa que a nossa cidade irá apreciar. A festa é de grande satisfação para os lajedenses; o primeiro jubileu da nossa Paróquia; vale salientar que os esforços do nosso vigário Pe. Antonio Barbosa, excede as expectativas. O que mais nos alegra é que a festa é exclusivamente religiosa onde podemos fazer nossas confissões e recebermos coletivamente a Sagrada Comunhão. É com esta festa religiosa que nos faz recordar o nosso inesquecível Pe. Emílio; aquêlê tão zeloso sacerdote que tantas primeiras quintas feiras celebrou Horas Santas. Que maravilha! . . . Foi êle quem tantas vezes nos trouxe grandes missionários para nos pregar a palavra de Deus. Pe. Emílio foi o nosso pároco e também o nosso amigo que apesar de doente e neurastênico

não deixou de ser fiel aos seus deveres, cumprindo com precisão a missão que lhe foi confiada. Pe. Emilio é grande a minha saudade! Tenho recordação dos dez dias de missão que terminaram com o levantamento do cruzeiros que marca a sua sepultura por êle mesmo escolhido. Ali se encontra os restos mortais daquêle santo sacerdote que tanto amou aos pobres e por sinal morreu no Hospital sob os cuidados da Família Monteiro e Dourado que sempre foram seus eternos amigos. Aqui minha saudade, com minha oração a Nosso Senhor que lhe dê o descanso eterno.

José Paulo Barbosa

POESIA EM 13 SÍLABAS

(Por José Paulo Barbosa)

Ontem, Hoje e Amanhã

Pensando só no passado, que me importa?
Se no presente não nutre uma esperança.
Que serve velar por uma coisa morta;
Procurar aquilo que jamais alcança?

Pensar também no futuro outra bobagem;
Pois o presente pode resolver tudo;
Se do porvir só existe uma imagem.
O porvir não fala e portanto é mudo.

Para que tanta beleza tanta orgia?
Quando tudo passa em uma desfilada;
Prazer de cem anos se reduz a um dia,
Esta vida bem pensada, não vale nada. . .

06 - 01 - 1960

Pensamentos

José Paulo Barbosa

Mesmo com os nossos sacrifícios devemos dar conta daquilo que nos foi confiado, para não sermos envergonhados perante aquêle que nos confiou.

Ouvir e por em prática a voz da consciência é uma virtude, que nos traz a paz e a tranqüilidade.

Se nós fôssemos pensar,
Esta vida o quante é,
Uma risada siquer
Jamais havíamos dar.
Sòmente em observar
Por êste mundo além,
Onde todo vivente tem,
Grande gosto em viver
E nem espera morrer
De súbito a morte vêm,

O Sonho do Poeta

Certa noite tive sonho horrendo,
Um Anjo do Senhor, tão meigo terno.
Veio a mim e foi me assim dizendo
Vem comigo, quero mostrar-te o inferno

I

Então seguimos, num antro de horror,
De Angustia gritos bestiais.
Eu vi coisas que me deu pavor
Nas profundesas negras Infernais!!!

II

Vi Padres, Ateus e vi doutores,
Vi almas de Ilústres pensadores;
Numa fornálha bem repleta.

III

Vi toda espécie de gente deste mundo
Mergulhado num sofrer profundo;
Só não vi a alma de um poeta.

De Washington Medeiros

Réplica ao Sonhador

José Paulo Barbosa, respondendo ao poeta Washington Medeiros que em sua poesia declara ter ido ao inferno e lá não ter encontrado poeta.

Não estou crendo no meu amigo sonhador
Sendo êle por demais sensato
Seu sonho misterioso é abstrato,
Não tem forma, não tem cheiro e nem côr

Amigo, por que te julgas tanto?
Achas que o Inferno se curva a Poesia?
Deus te livre, que chegues lá um dia
E então sabereis que poeta não é santo.

Se o sonho do poeta fôsse uma verdade
A Poesia seria uma divindade;
A terra que seria então?

Já sei: paraizo do poeta
Um céu de portas abertas
Olhando o Inferno. . . aquele socavão.

De W. Medeiros

Coração bate de leve
 Deixa de sonhos horríveis!
 O coração nunca deve
 Sonhar com coisas impossíveis
 Eu vi teus braços, que ventura
 Vi teu corpo, que gosto
 Tira agora esta pintura
 Que quero ver o teu rosto
 Chegastes, meu bem, chegastes
 No momento mais preciso
 Vieste apagar o mal
 Com o teu lindo sorriso

PENSAMENTOS:

José Paulo Barbosa

Nas dificuldades da nossa vida devemos viver sempre alegres e não devemos ficar tristes, pois com a tristeza é duas vèzes mais pesado o sofrimento; viver alegre é viver duas vezes.

Só para Deus, devemos apelar tudo em nossa vida, pois só êle nos aliviará.

Suplicando W. Medeiros

(Ao meu grande amigo o respeitável sr. José Paulo Barbosa, êste modesto sonêto).

Senhor, Vós me fizêstes perfeito
 Visão, ouvido, cérebro pensador
 Eu, no entanto, criei os meus defeitos
 Que me oprimem e só me causa dor.

Deste-me a luz e eu nas trevas vivo
 Abriste-me, bem sei, o bom caminho,
 Mas olvido vossas leis e altivo
 Vou palmilhando sôbre um chão de espinhos!

Confesso ó Deus que sou culpado
 E sinto que vivo acorrentado
 A grande descrença que me oprime

Quero crer Senhor! . . . Quero viver!
 E quero ainda antes de morrer
 Ter a Fé, virtude que redime! . . .

Lajedo 10 de abril de 1956

Mesmo que a Fortuna nos cerque, não devemos pensar que fomos escolhidos para ser superiores aos outros, menos prestigiados da sorte. Devemos lembrar que cada um de nós, temos uma companheira inseparável, que não somos dignos ver, e só os outros a verão... As nossas caveiras... depois de juntas quem as distinguirá?

L A M E N T O

José Paulo Barbosa

17 - 7 - 63

É o velho um vulto quase moribundo,
Um resto que sobrou de uma mocidade,
E quando recorda que está no mundo
Suspira, chora e tem saudade...

Cruel velhice, por que te vingas assim?
Apagando os prazeres de quem nasceu,
Teu lema é ver tudo chegar ao fim!
Levando ao esquecimento a quem viveu.

Êis aí! quem viveu criança e viveu rapaz,
Viveu homem teve atividade e assunto,
Só lhe resta agora viver defunto:
Baixar a sepultura para nunca mais..

M I S T É R I O

J. Paulo

2 - 6 - 1964

Alguém me chamou meu filho,
Ninguém me chamou meu pai.
Será que não recebi aquela ordem:
Que diz: "crescei e multiplicai"?

Este mistério sempre continua...
Que para mim sempre é uma interrogação,
Seria que os meus frutos fossem maus...
Ou uma prole de maldição?...

Não me cabe dar a resposta,
Não me confesso um culpado
Sei dizer que com a minha morte
Deixo o mundo encerrado.

Levo comigo o prazer,
Será poupado os animais
Aquêles que haviam morrer por mim,
Sacrificados serão jamais.

PENSAMENTO:

José Paulo Barbosa

É preferível nascer mudo, que ter uma língua libertina, capaz de produzir uma nódoa inapagável: tão permanente que só desaparecerá com a destruição do próprio objeto enodado.

O HOMEM JOGADOR

J. Paulo

É o jogador um homem sem coração,
Que leva o seu lar a nudez e a fome
Tudo que faz o jôgo consome,
Estraga o futuro da sua geração.

É o jogador um vencido na vida,
Embriagado na torpe ilusão,
Que devora tudo sem contemplação,
E torna-se até um suicida.

É o jogador um homem sem futuro,
Que nas suas mãos nada é seguro,
Tudo tem de desaparecer.

Perde assim o homem a confiança,
Não lhe resta mais esperança,
E vive pobre até morrer.

PENSAMENTOS:

PERIGO

Dois fatores perigosos podem levar o homem a um abismo: a cólera, ou uma vontade desenfreada.
Mantenha sempre um diálogo com a sua consciência, evite sempre o perigo.

★★★★★

O pensamento e a poesia tem seu dia.

★★★★★

O suicídio é uma doença mental e contagiosa, pode ser contraída por aqueles que tenham a mesma mentalidade, e vício igualmente.

★★★★★

Devemos ter todo o cuidado para que, não venhamos dizer uma coisa, que depois de dita, nos torne arrependidos, sem ter mais ressalva. Pensar antes é medida de precaução,

José Paulo

PEDINDO O CÉU

J. Paulo

17 de março de 1965

Meu Deus! meu Deus, quem sou eu?..
Quisera eu saber quem sou
Sei sim, de onde venho
Mas não sei prá onde vou...

Venho do sôpro divino,
Vivo dos favores de meu Deus,
Tantos e tantos tenho recebido
Sem poder pagar com os meus.

Meu Deus que fareis de mim?
Sendo eu tão mau, tão ruim
Vos peço me perdoar

Peço que em vossa propriedade
Guardai ali, por caridade,
Um ranchinho para eu morar..

CERTEZA

Por Irnaldo Peixoto

Eu te respondo oh mortal
Já que sabes de onde vens
Tu és pó destinado ao pó
Mas teu espírito para mim vem

Se acreditas que ti criei
Que meu sôpro vive em ti
Procura confiar
E o céu eu darei a ti

Enviei meu filho ao mundo
Não para condenar
Mas através do seu sacrifício
A ti recuperar

Vem depressa ó pecador
A tua culpa já foi perdoada
Pois confiastes em meu filho
Te preparei uma morada.

Coisas que o tempo remove

O calçamento da cidade teve seu início com o primeiro Prefeito José Nonato, os primeiros paralelepípedos foram comprados a duzentos e trinta cruzeiros antigos por milheiro, tanto no sítio Jureminha, Sta Luzia da propriedade de Samuel Lira, não variava seu preço. Meios fios a trinta cruzeiros o metro.

CRÔNICAS

"EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA"

Dou começo ao meu trabalho onde vou fazer sentir o que estou observando, agradecendo aqueles que me honram verificando o meu pensamento.

Quero apenas abordar de acordo com o que tenho lido em história natural e outras coisas aonde a ciência vai imperando. Sente-se de fato as transformações, desde o homem primitivo até o contemporâneo. Da fisionomia ao todo em matéria de desenvolvimento, até o mais alto grau de civilização.

Acontece que o avanço da ciência e as devidas transformações, traz um grande esquecimento as nossas tradições, como sejam: os ensinamentos bíblicos, o Gênesis por exemplo. Onde está a base definitiva da nossa fé.

Tendo-me chegado as mãos um livro de ciências geológicas, vejo que o homem cultivado em tais desenvolvimentos, não está olhando as velhas tradições que nos dizem: Deus criou o mundo em seis dias e depois descansou. Passados quatro mil e quatro anos veio o Messias Prometido, desde Adão e Eva, quando Deus repeliu a serpente. Então encontrei no livrete de ciências que os grandes geólogos pesquisadores do desenvolvimento da geologia, como sejam: Tales

de Mileto, Da Vinci ao mais recente Willian Smith e todos sustentam suas teses fora do Gênesis. Afirmando eles que encontraram fósseis de milhões de anos e assim camadas após camadas, diversas crostas acumuladas, em cada camada registram um acontecimento depositário. E então agora? onde estão os nossos velhos costumes e nossa tão firme fé? Será que pelos simples fatos de somar de acordo com a Bíblia, 6000 anos da criação do mundo, se venha a negar a existência de uma força criadora que chamamos Deus? Não ha razão de assim ser; Deus jamais deixou de existir, como também a terra era coberta de água, e depois aparece enxuta, então ela estava portando as águas, é lógico, para isto está escrito que "O espírito de Deus era levado sobre as águas". E melhor que se diga bem claro para dar força a história bíblica, que aqueles dias que nos fala; também não eram tomados por dias de vinte e quatro horas como adotamos hoje e sim um período de tempo indeterminado, e que assim deve ser compreendido o dia daquele tempo, podendo até um milhão de anos figurasse um dia, e que Deus tenha feito o mundo em seis milhões de anos; como também um ano naquele tempo não fôsse o ano que adotamos hoje.

As controvérsias, são de mais, não as entendemos.

A sabedoria de Deus tudo assim o fez, acionado pelos impulsos das águas arrumou camadas e mais camada (conformes os geólogos) onde Ele queria guardar depositado nestas camadas, as preciosidades que hoje são descobertas pelos próprios geólogos, e que assim, estão ali para nos servir, como de fato estamos desfrutando hoje, e remindo as nossas necessidades. Tudo é a grandeza de Deus que impera em tudo, como vemos e contemplamos. A criação ou abitação representa o acabamento que Deus deu a sua embelezadora obra e que nos deu de presente quando nos criou.

O homem na sua elevada compreensão, vai chegando ao ponto que nunca se pensou; a proporção que vai subindo os mais altos degraus da ciência e do seu poderio, tanto mais ele quer se afastar das coisas tão sabiamente feitas e quer negar as mercês recebidas de tão bom Deus. O homem nega, por que é

dotado das suas malícias. A nossa compreensão, de acôrdo com as pesquisas que vamos testando os tempos, já temos algo a dizer: como éramos há muitos anos e como estamos agora, temos enorme diferença em todos os setores da vida, nas ações, nos compromissos sociológicos, políticos e religiosos.

Vê-se agora a nossa Religião sofrendo as maiores transformações e, por estes dias, parece não estar longe de ser classificada como a Mitologia Grega, e é o que vai acontecer; seremos censurados como censuramos os velhos costumes egípcios, hebráicos e gregos. Ao meu ver; não é uma profecia, mas um pouco de observação que venho fazendo, e todos têm o mesmo direito de fazer.

De acôrdo com o desenvolvimento e o avanço da ciência, o dia de amanhã talvez... no próximo milênio, não haja mais o Deus que hoje queremos, ninguém estará mais se aproximando d'êle, tudo está girando em outra esfera, vai desaparecer o "crescei e multiplicai" por que a natalidade estará controlada pelos sexos, para tirarem os melhores proventos, sem deixar compromissos ou responsabilidade. A essa altura não há mais honra, nem o mínimo fragmento de pudor.

Os homens serão senhores da profundeza da terra ao último céu, farão até milagres, coisas estupendas admirando o mundo. Os deuses serão tirados dentro do mesmo homem.

Eis aí o que nos diz a escritura: "cuidade nos falsos profetas que hão de vir a vós" já não há mais justo nem inocência. E não havendo justo e inocência chegará o dia dos

vivos e os mortos, Deus tomará as providências, que tomou em Sodoma e Gomorra.

José Paulo Barbosa

Maio 1965

PENSAMENTOS

O mundo nos ilude e a morte nos surpreende, transformando riso em dor, e assim, quando nascemos em vez de rir choramos, é porque recebemos êste mundo cheio de falsas fantasias.

Quem nasceu e não sofreu, não viveu, o sofrimento é o teste da vida.

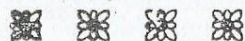
Aprendamos a viver, para sabermos morrer.

Não devemos prometer aquilo que não estiver em nossas possibilidades; pois nos fica muito feio se aparecer em contrário.

O homem jamais deixa de ser um fruto do seu pensamento, aqui ou ali, êle se transforma num instrumento do que está pensando.

Se o homem soubesse aproveitar os bons pensamentos, evitava cair nos maus.

A perfeição da máquina pensadora dá direito a pensar em tudo e escolher a melhor parte.



Homenagem póstuma de José Paulo Barbosa ao seu velho amigo e ex-chefe de trabalho José Nonato de Oliveira

Deus te guarde

Recebe esta homenagem de saudade do teu velho amigo particular e auxiliar de administração. Quero te falar com a mesma intimidade costumeira de nossa amizade, aquela amizade que hoje a fatalidade separa; não ouvirei mais a tua voz, é verdade; Deus te chamou. Fechastes os olhos a este mundo, mas permaneces vivo José Nonato! vivo nos corações dos teus familiares, amigos, conhecidos e beneficiados, aqueles que te procuraram na dor do parâncio e tantas outras angústias aos quais as tuas doses homeopáticas podiam aliviar os seus sofrimentos, especialmente aqueles que te ouviam com atenção, ao recomendes tuas dietas; o povo em ti confiava, por que nunca fostes mentiroso, e assim Deus ajudava a fazer a cura. Fostes neste mundo um homem modelo, tua probidade jamais será esquecida, por aqueles que te conheceram ou de ti ouviram falar; sempre sincero em tuas ações e no cumprimento do teu dever. Deus te recompense no seu reino e te dê a mansão eterna; a luz perpétua te ilumine. E assim José Nonato, aceita estes meus votos de gratidão e saudade, do teu velho amigo e subalterno.

José Paulo Barbosa

PENSAMENTOS

José Paulo Barbosa

O homem se apresenta de duas maneiras na vida: Uns pensam antes de agir, outros, ágem antes de pensar. Tudo que se faz sem pensar, não é conhecida a finalidade.

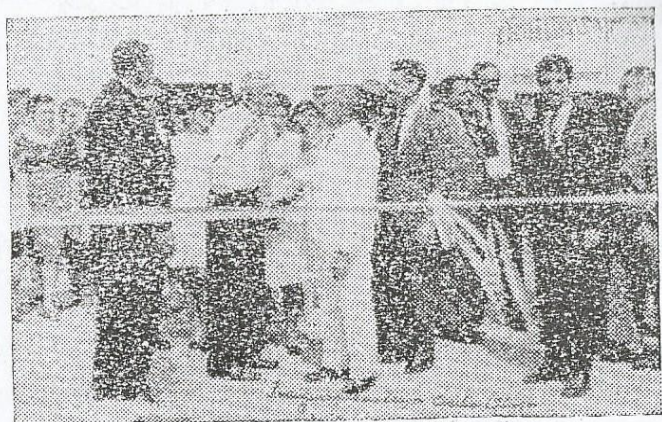
Se o homem pensasse quem é, até sorrindo chorava.

A vida vale por um dia: aquêles que termina a existência.

O passado não vale e muito menos o futuro, então vamos contar com o presente.

Se achar que estou mentindo se explique.





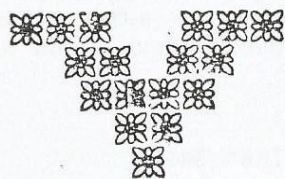
A Praça Cicília Vilaça

Inaugurada em 7 de setembro de 1968

Prefeito

Clementino F. Lima

Cortou a fita simbólica o sr. Guilhermino Virgulino de Sobral em homenagem a sua falecida esposa.



A foto apresenta o prédio onde foi instalado o Governo Municipal ver-se o Sr. Guilhermino V. Sobral e seu amigo José Paulo, o primeiro com o braço sobre o ombro do segundo, recordando quando juntos davam informação a José Homem e o Professor Vilaça para o PROJETO da independência de Lajedo.

Também fazem reviver o dia 19 de janeiro de 1949, tomavam posse, um no cargo de Prefeito e o outro no cargo de tesoureiro.

COINCIDÊNCIAS

Na História de Lajedo já temos algo de coincidência: uma reportagem extraída do antigo "A Voz de Lajedo" nos fala da inauguração da praça Joaquim Nabuco em 19 de maio

de 1957 e se refere ao número 19 tantas vèzes repetido, idêntico acaba de acontecer.

Em 19 de maio de 1949 como já é sabido, o primeiro Prefeito interino, passa as mãos do Prefeito constituído, o governo do Município.

Decorrido 19 anos ou seja em 19-5-1968 foi inaugurada a Praça Cecília Vilaça, memória póstuma a ex esposa do primeiro Prefeito (nomeado) Guilhermino V. Sobral e, por sinal, foi ele quem desatou a fita simbólica. Coincidiu ter sido ele nomeado pelo então Governador Dr. Barbosa Lima e a citada praça construída pelo Prefeito Clementino Lima.

Em frente a casa onde vive o ex-Prefeito e viveu D. Cecília Vilaça. Anexa a casa de vivenda o prédio onde foi instalada a 1ª Prefeitura (um armazem) e por 4 meses funcionou o governo municipal. Ainda conserva-se sem remodelação guardando a primitividade.

Entusiasmado o antigo Prefeito por vêr chegar a sua porta tão grande realização de uma bonita praça em memória da sua esposa, fez reviver o tempo passado; juntou-se ao seu velho amigo na porta da velha Prefeitura e com a mesma singeleza daquele dia já passado há 19 anos, bateu uma chapa. Está ele, seu amigo e 1º Tesoureiro nomeado no seu primeiro Ato.

Estavam juntos, também, por ocasião do apanhado, para efeito da independência de Lajedo, com o Professor Vilaça e José Homem de Lucena; nesse mesmo lugar.

Pelo um ligeiro desvio, deixei de mencionar a instalação da primeira Prefeitura que teve lugar em 19 de janeiro de 1949; perdão.

Écos da Campanha Eleitoral de Clementino F. de Lima

Discurso de José Paulo Barbosa, no encerramento do último comício da campanha.

Companheiros da tradicional guarda de Lajedo, aqui está a minha palavra escrita já que não posso leva-la vocalmente as vossas audições.

Alérgico como vivo, não posso fazer umas tantas coisas que desejo. Companheiros meu coração ainda vive e porta a velha legenda do Partido Social Democrático. Esta legenda que ainda é uma bandeira no coração lajedense. Vejo ainda em nossa gente o mesmo heroísmo, a mesma assiduidade daqueles dias que passaram.

Lajedenses é chegado o momento, de dar-vos a prova da vossa perenidade, sabendo responder aos que duvidam da nossa unidade, nesta luta que os lajedenses têm mostrado a capacidade de lutador incansável, se batendo pelo progresso da terra que lhe serviu de bérço. Sempre e sempre foi do Partido Social Democrático que fizeram próspera a nossa querida Cidade; esta cidade que todos têm o prazer do seu progresso.

Aqui já temos o que as cidades vizinhas que nos circundam não tiveram o prazer de possuir; temos Grupos Escolares, Maternidade, água encanada, temos dois Ginásios, Posto de Monta, Campo de Aviação e mais a Cidade calçada,

Praça Joaquim Nabuco

(Transcrito de "A VOZ DE LAJEDO" de 26 de maio de 1957)

Por J. P. Barbosa

A praça em aprêço tem o seu nome ligado a um fato histórico muito justo.

Nasceu da rica lembrança da figura moça de um filho desta terra, o Vereador Arlindo Ferreira da Silva, por ocasião das festividades em homenagem ao centenário de nascimento do grande estadista pernambucano Joaquim Nabuco, ocorrido aos 19 de agosto de 1949, uma vez que o seu nascimento verificou-se em 19 de agosto de 1849. E como ele lembrou-se deste grande acontecimento, não vacilou, escolheu um local de nossa Cidade, aonde mais tarde pudesse ser uma atraente praça, redigiu um Projeto, denominando a antiga Trav. Nereu Guerra; Praça Joaquim Nabuco, apresentando-o a Câmara no dia 19 de outubro de 1949, sendo que o projeto tomou o número 19, recebendo aprovação unânime da Câmara composta de 9 vereadores, neste mesmo dia. Dez dias depois, isto é em 29 de outubro de 1949, o então Prefeito José Nato de Oliveira sancionava a Lei n. 19, reconhecendo o nome de Joaquim Nabuco na referida artéria.

Na gestão do grande Prefeito Dr. Antônio Dourado, foi construída a linda praça, onde, no seu centro, pela mesma administração, o suntuoso prédio da Prefeitura Municipal, que representa o orgulho de Lajedo dos dias atuais. Ao encerrar-se o seu Governo no dia 19 de maio de 1957, foi a Praça Joaquim Nabuco inaugurada, sendo orador oficial na solenidade,

com muita justiça o Vereador Arlindo Ferreira, que no seu magnífico discurso de improviso, abordou a coincidência do número 19, citando data por data, número por número, o histórico dos acontecimentos, recebendo da grande multidão, que assistia a sua inauguração, os mais calorosos e repetidos aplausos, muito bonita, significativa a história da origem de nossa tão linda Praça Joaquim Nabuco.



4.ª PARTE

Página de Encerramento

Com esta página estou encerrando a minha árdua tarefa, na qual tudo tenho feito, para dar a minha prova de colaboração e de gratidão por esta terra que também é minha, pois para meu orgulho sou filho deste município. A minha satisfação é imensa. Poderia escrever muito mais, é pena que não encontrei pessoas idosas, ou mesmo documentos que me auxiliassem a fazer a história mais ampla e completa, mais rica em seus assuntos históricos. Quizera apresentar no meu Álbum Histórico de Lajedo, as fotografias dos desbravadores e fundadores da nossa querida cidade. Não foi possível. Naquelas épocas remotas não havia quem se interessasse por estas coisas tão importantes e nem também nunca pensaram que um dia essa cidade chegasse a ser o que é hoje, Não sabiam que alguém um dia viesse precisar de saber seus predicados passados, ou a sua ação antiga.

Tudo fiz a fim de evitar contradições de alguém, por aí, que possa se apresentar documentado, provando ao contrário do que acabo de fazer.

Eu enfrentei um balceiro, um caminho sinuoso, que não sabia me orientar sequer; muito poucos documentos tenho para provar o que acabo de esclarecer. Posso confessar que já me achava desanimado pensando não mais continuar. O Sr. Prefeito perguntou-me se estava continuando o trabalho. Respondi que estava parado. Ele disse-me que continuasse com a história, que se encarregava de fazer a impressão por conta da Prefeitura, caso a Câmara lhe desse a devida cobertura. Então fiquei mais animado, também encontrei um cooperador e amador de história, o meu amigo Paulo José de Siqueira e assim dando a sua cooperação, datilografou-a página por página até chegar ao seu término, a qual é coroada de boa vontade. Quero apenas pedir aos meus amigos leitores queiram desculpar alguma coisa que escapou, pois além de penosa a tarefa, não foi possível aparecer uma ajuda que fizesse abri-lhantar o meu pensamento. Eu me julgando com o direito de lajedense achei que a minha terra devia ter a sua história escrita. Entrei na luta e dou agora por terminado.

José Paulo Barbosa

Em 24-12-1968

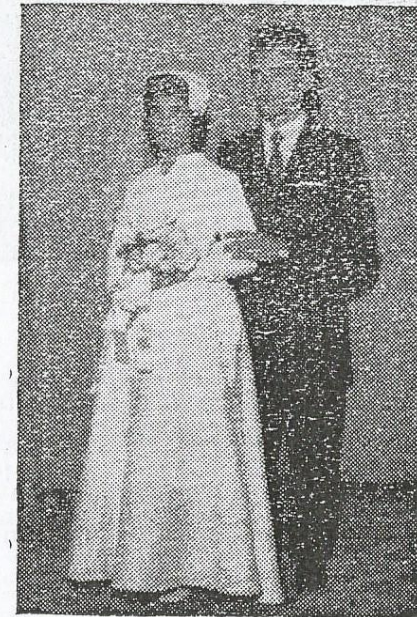
Ligeira Observação

Conforme está escrito no começo deste livro dizendo: que Lajedo sempre pertenceu a Canhotinho é um fato; a proporção do seu desenvolvimento.

Antes porém, São Bento (Una) já havia exercido poderes sobre Lajedo, mesmo em sua fase inicial.

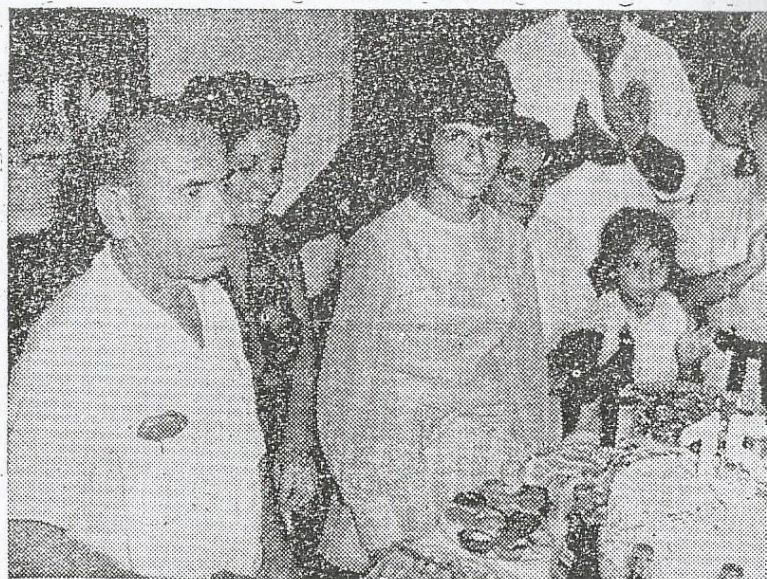
Em palestra com a veterana Inês Pachêco de Medeiros (Dondinha), em 1950 quando comecei colher dados Histó-

ricos de Lajedo, ela me disse que a primeira casa foi construída pelo seu pai Barão Cazuza não sabendo a data, mas sabia que a estrada comercial que ligava Jurema e suas adjacências a S. Bento, passava distante da casa, e como seu pai sonhava com uma bodega, dirigiu-se a S. Bento, entendendo-se com o seu amigo e compadre Cel. Luiz Paulino, conseguindo interromper a velha estrada, abrindo outra à sua vontade passando em sua porta. Ali instalou sua sonhada bodega, satisfazendo o seu desejo.

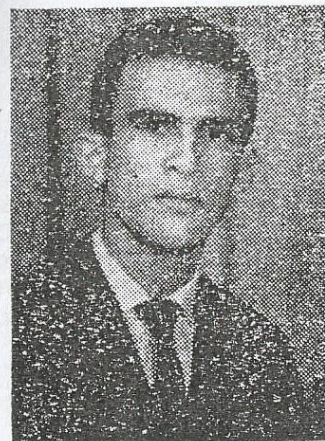


Jerônimo Francisco de Lira e Maria Deusdete Barbosa

Uniram-se em casamento em 31-7-1959. Padre José Mendonça foi oficiante. O cidadão da fotografia é conceituado comerciante nesta cidade.

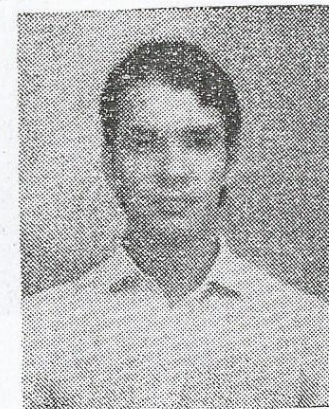


Clementino emocionado e sua esposa D. Edite Alves de Lima ao lado de sua simpática filha Maria Emilia Alves Camurça, aos seus quinze anos, festivamente agraciada por quase tôda Lajedo que participou da pomposa festa.



José Nivalto Santos

Filho de Caruaru atualmente em S. Paulo onde exerce atividades de acôrdo com a sua formatura de comércio.



Decio Medeiros

Filho de Lajedo atualmente em Recife onde aguarda sua formatura de engenheiro arquiteto.



José Jordão Sobrinho

Vereador da velha guarda sempre amigo certo, nas horas incertas grande atuante na câmara de vereador. Lajedo orgulha-se nos homens que lhe ajudaram no seu progresso.

NOVA FASE EDUCACIONAL

Tendo chegado em Lajedo, no dia 27 de novembro de 1967, o Prof. Francisco Borges, tratou imediatamente de se projetar na vida de nossa cidade, e para isso, no mês de janeiro de 1968, logo no início, fundou uma Escola Técnica profissional, com diversos Cursos.

Dentre êsses, destacaram-se os de Contabilidade Frática, Datilografia e Correspondência. Com essa educação

de técnica e prática profissional o Prof. Borges, fêz diplomar-se duas turmas de concluintes, em números de mais de 60, isto nos cursos acima citados.

Por último em 21 de junho de 1969, devido as suas amizades na Paraíba, o mesmo Prof. trouxe para paraninfar a terceira turma do Curso de Dacti-Correspondência, o Chefe da Casa Civil do Governo da Paraíba, o representante de Dr. João Agripino, vulto de destaque nas relações públicas, Dr. Edme Tavares de Albuquerque e mais outros componentes da comitiva.

Lajedo, com isto, teve um passo a frente no setor educacional e social. Ainda o aludido Prof. Borges, foi fundador em nossa cidade de um Jornal "O PLANALTO", que circulou apenas 4 meses, dada alguma dificuldade tipográfica e também financeira.

O prof, Francisco Borges, é cearense e muito contribuiu nas suas realizações para com Lajedo, cidade que agradece-lhe tais benefícios.

Lajedo precisava de sua história e da história de seus verdadeiros povoadores; de seus filhos e vultos que muito contribuíram pelo seu engrandecimento. Tudo isto, o autor relata no seu livro, com idéia clara, verídica e sem o misticismo de paródias, comumente em alguns escritores de instrução superior a dele.

O livro está dividido em quatro partes, contendo além da prosa, versos, que demonstram o talento poético de seu autor.

Para êle, peço minutos de simpatia, ajuda incentivo e apóio a seu "Álbum Histórico de Lajedo", pois, assim fazendo, estareis não somente o ajudando, porém conhecendo melhor o município, a cidade e as suas obras.

Lajedo, 1969

Prof. Borges.



À Guisa de A. ...

Tive o prazer de manusear o livro "ÁLBUM HISTÓRICO DE LAJEDO", de autoria do senhor José Paulo Barbosa, um grande amante à terra em que nasceu e ao mesmo tempo notável pesquisador.

Trata-se pois, não de uma obra de cunho literário, mas, de maneira clara e precisa, um livro que narra a história ilustrada de um município, como realmente merecia ser narrada.

Que não procurem os senhores vernaculistas e críticos, lançar um olhar esmiuçador no aspecto da linguagem ou na ética redacional, por que José Paulo Barbosa, é um ancião de pouca cultura, deve-se no entanto, apreciar o valor histórico, as ilustrações com seus traços biográficos e acima de tudo, o farto material documentário apanhado à custa de enormes sacrifícios, que muitos entendidos da pena e do assunto, jamais tiveram a fazer.

